

137



LIQUIDAÇÃO DE REVISTAS – 3

Oferta de revistas e álbuns a preços muito baixos. O custo de envio está incluído no preço. O estado de conservação de cada edição está indicado, seguindo a convenção: (MB) – Muito Bom; (B) – Bom; (R) – Regular; (P) – Péssimo. Cada edição ficará reservada ao primeiro que escrever encomendando-a. Após a confirmação, o interessado deve enviar o pagamento em depósito bancário a **EDGARD GUIMARÃES**.

Homem Aranha Kids (Panini) (B) 3 – R\$ 3,00 * **O Justiceiro – Adaptação do Filme** (Panini) (MB) – R\$ 5,00 * **X-Men – O Film** (Panini) (MB) 1 – R\$ 5,00 * **X-Men** (Panini) (B) 26 – R\$ 5,00 * **Marvel Max** (Panini) (B) 16 – R\$ 5,00 * **Superman – Identidade Secreta** (Panini) (MB) 1 – R\$ 4,00 * **Smallville** (Panini) (MB) 2 – R\$ 4,00 * **Thundercats** (Panini) (MB) 5 – R\$ 4,00 * **Robotech** (Panini) (MB) 2 – R\$ 4,00 * **Shin-Chan** (Panini) (MB) 6 – R\$ 4,00 * **Gundam Wing** (Panini) (MB) 10 – R\$ 4,00 * **HQ Express** (Via Lettera) (B) 2 – R\$ 4,00 * **Perry** (Etcetera) (P) 1, 2 – R\$ 4,00 c/ * **X-Men Edição Histórica** (Mythos) (B) 2 – R\$ 10,00 * **Tenth** (Mythos) (B) 2 – R\$ 3,00 * **Batman vs. Grendel** (Mythos) (B) 2 – R\$ 3,00 * **Marvel Mix** (Mythos) (B) 1 – R\$ 3,00 * **Darkness – Ressurreição** (Mythos) (MB) 3 – R\$ 4,00 * **Sociedade da Justiça – Dossiê Liberdade** (Mythos) (B) 2 – R\$ 3,00 * **Batman – Gotham Assombrada** (Mythos) (B) 1, 2 – R\$ 3,00 c/ * **Tex Coleção** (Mythos) (MB) 164, 165, 166 – R\$ 4,00 c/ * **Zagor Especial** (Mythos) (MB) 2 – R\$ 5,00 * **Ken Parker** (Mythos) (MB) 18 – R\$ 4,00 * **A Turma da Mônica e o Orelhão** (R) – R\$ 3,00 * **Combo Rangers** (JBC) (MB) 10 – R\$ 3,00 * **O Pequeno Ninja Mangá** (Ninja) (B) 1, 2, 5, 6 – R\$ 3,00 c/ * **Smilingüido** (Luz e Vida) (MB) 3 – R\$ 3,00 * **Astral da Turma** (R) 1, 4 – R\$ 3,00 c/ * **Megaman** (Magnum) (MB) – 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16 – R\$ 3,00 c/ * **Agster** (B) 2, 3 – R\$ 3,00 c/ * **A Hora do Terror** (Ninja) 2 (R) – R\$ 3,00 * **Do/Kung Fu** (Ebal) (R) 5 – R\$ 5,00 c/ * **Francis** (Ebal) (P) 3 – R\$ 4,00 * **Zuzu** (Ebal) (P) 6 – R\$ 4,00 * **Ciência em Quadrinhos** (Ebal) (P) 10, 11 – R\$ 4,00 * **Cinemin Nostalgia** (Ebal) (R) 3 – R\$ 5,00 * **Coleção HQ** (Ebal/ÓVNIS) (R) 2 – R\$ 5,00 * **Série Sagrada** (Ebal) (R) 65, 80, 85 – R\$ 4,00 c/ * **Solar** (Ebal) (R) 20 – R\$ 5,00 * **Judoka** (Ebal) (R) 2 – R\$ 5,00 * **Quem Foi** (Ebal/3ª s.) (B) 85, 100 – R\$ 6,00 c/ * **Quem Foi** (Ebal/4ª s.) (B) 2, 4 – R\$ 6,00 c/ * **Tarzan-Bi em Cores** (Ebal) (R) 3, 12 – R\$ 5,00 c/ * **Tarzan T Super** (Ebal) (R) 1, 4, 6, 7, 11 – R\$ 5,00 c/ * **Miriam Lane & Jimmy Olsen** (Ebal) (R) 16 – R\$ 5,00 * **Superboy-Bi** (Ebal/1ª s.) (R) 59 – R\$ 5,00 * **Superman em Cores** (Ebal) (R) 31, 41, 43 – R\$ 5,00 c/ * **Escalpador** (Ebal) (R) 4 – R\$ 3,00 * **Jonah Hex** (Ebal) (R) 52 – R\$ 4,00 * **Histórias de Assombramento** (Ebal) (B) 4, 17, 23, 24, 25 – R\$ 5,00 c/ * **Epopéia-Tri** (Ebal) (R) 24, 30, 36, 40 – R\$ 5,00 c/ * **Coleção Reis do Faroeste** (Ebal) (R) 13, 29 – R\$ 4,00 c/ * **Selva** (Ebal) (R) 5, 8 – R\$ 5,00 c/ * **Tarzan** (Ebal/5ª s.) (P) 1 – R\$ 4,00 * **Espião 13** (Ebal) (R) 2, 3 – R\$ 4,00 c/ * **Os Três Mosqueteiros** (Ebal) (R) 1, 7 – R\$ 4,00 c/ * **Fantasma** (Saber) (R) 43 – R\$ 4,00 * **Fantasma** (Saber/1994) (B) 20 – R\$ 5,00 c/ * **Recruta Zero** (Saber/1994) (B) 7 – R\$ 5,00 * **Autores Célebres** (Saber) (R) 4 – R\$ 4,00 * **Homens Famosos** (Saber) (R) 4 – R\$ 4,00 * **Hombre** (Fittipaldi) (B) 1 – R\$ 5,00.

QUADRINHOS INDEPENDENTES

Nº 137 JANEIRO/FEVEREIRO DE 2016

Editor: Edgard Guimarães – edgard@ita.br
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.
Fone: (12) 3941-6843 – 2ª a 5ª feira, após 20h.
Tiragem de 120 exemplares, impressão digital.

EDITORIAL

Não vou nem falar de atrasos...

Uma edição com um pouco mais de páginas, talvez sentimento de culpa. Os colaboradores habituais mantiveram o compromisso. Nos Quadrinhos, Rafael e Anjos, Chagas Lima e agora também Assis Lima. Marcos Fabiano mandou ilustração para mais um texto sobre herói nacional. Guilherme Amaro enviou nova ilustração, além da presença de Gerd Bonau, da Alemanha. E a participação involuntária de Alex Veronez. Nos textos, além da coluna de Worney e da continuação do depoimento de José Ruy, reproduzo matérias enviadas por Luigi Rocco e Abelardo Souza. Roberto Simoni não deixa de desencavar imagens interessantes na internet.

Seções ‘Fórum’ e ‘Edições Independentes’ bem recheadas, apesar da lenda de que o ano só começa depois do Carnaval.

Mais um encarte, não tão volumoso como a anterior, mas bem concentrado em informações, cortesia de Carlos Gonçalves.

A capa é uma ilustração que fiz de uma casa de Brasópolis onde morou meu avô paterno, hoje ocupada por uma de suas filhas, minha tia. Frequentei muito essa casa na infância. O desenho foi feito para o livro “Escritores de Brazópolis”, que escrevi em co-autoria com minha mãe, publicado em 2011. Acompanha um encarte com a ilustração completa, se alguém achar que vale a pena colá-lo na capa do “QI”, fique à vontade.

Boa leitura!

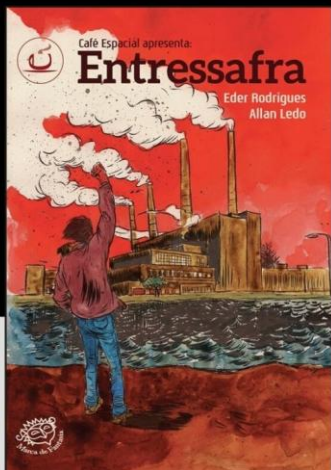


ANÚNCIO NO “QI”

O anúncio para o “QI” deve vir pronto, e os preços são:

1 página (140x184mm):	R\$ 40,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 20,00
1/2 página (68x184mm):	R\$ 20,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 10,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 5,00

QUADRINHOS E FANZINES EM MUTAÇÃO



ENTRESSAFRA
Eder S. Rodrigues
e Allan Ledo

Caf e Espacial apresenta, 2
80p. 14x20cm.

**A MUTAÇÃO RADICAL
DOS FANZINES**

Henrique Magalhães
2ed. 85p. Digital.



marcadefantasia@gmail.com

www.marcadefantasia.com



Uma emocionante série ilustrada de aventuras onde se relatam as audazes proezas
do misterioso cavaleiro mascarado que aplicava a justiça nas estradas do rei.



"Que dir s sir Stephen Hardiman quando eu lhe contar
que sou o seu sobrinho e o dono do castelo de Hunter?
Trago documentos que comprovam isto!" -cogitava
Will Essex, que chegara a Portsea, vindo de Londres.



Ao alcançar os arrebaldes do pequeno porto, Will ouviu
o cantar alegre de um malho batendo na bigorna, onde
um ferreiro trabalhava uma ferradura. - "Por favor!
Podem indicar-me onde fica o castelo de Hunter?"



"Claro que sim, meu rapaz", respondeu Martin Strong, o
ferreiro - "Fica já por detrs da colina, não tem nada que
enganar!", acrescentou o alertado ferreiro, apontando
com o braço esticado para um vulto visível   distância.

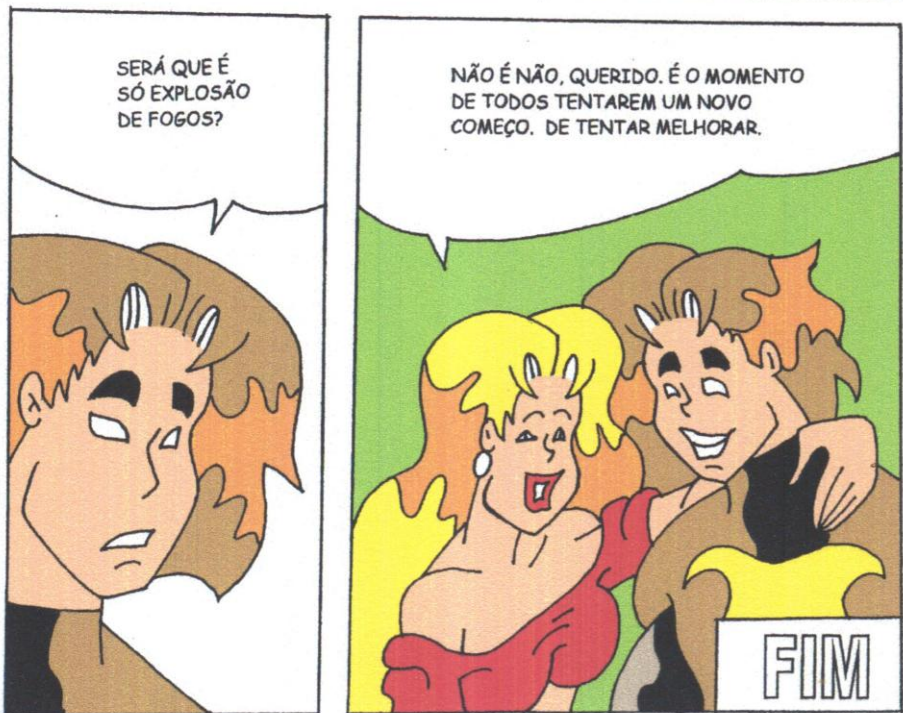
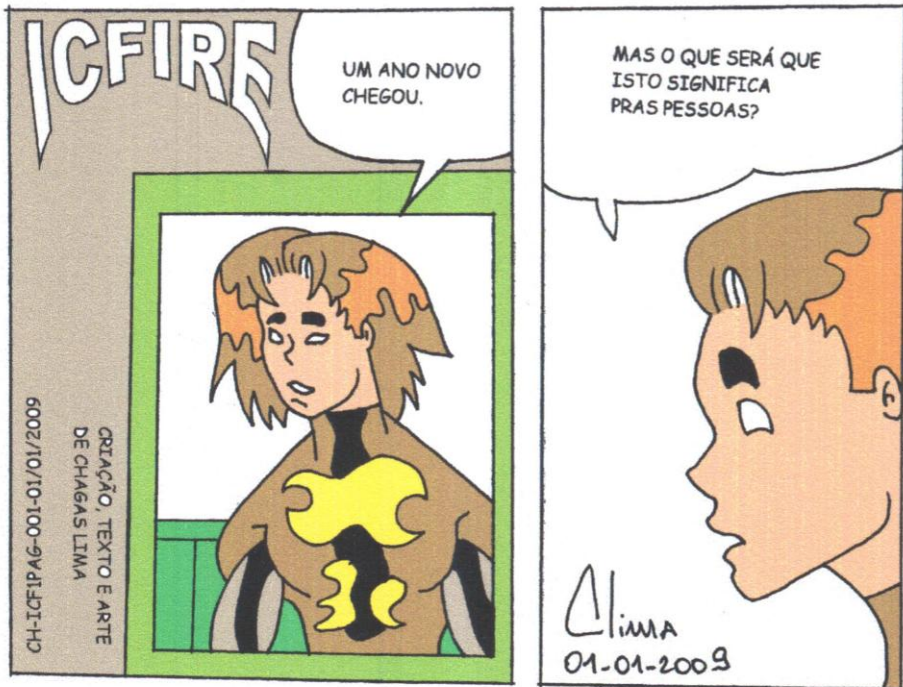
(Não perca amanhã o próximo ep s dio)

A tira acima   da série *Capitão Meia-Noite* (no original, *Captain Moonlight*), criada por Walter Booth, em 1937, para o periódico inglês **Puck**.
José Augusto Pires publicou toda a série em 4 volumes em preto e branco de forma independente na coleção **Fandaventuras Especial**.
Agora, José Pires tem feito a colorização das tiras e oferecido aos jornais portugueses. Mais detalhes na seção 'Fórum' desta edição.

BENJAMIN PEPPE E AMIGOS
NA ONDA DO COSPLAY!!



Ilustração de **Rafael Grasel** com a Turma do Benjamin Peppe, de **Paulo Miguel dos Anjos**.



Colaboração de Chagas Lima.



EM NA CAIXA DO NADA
COLOQUE AQUILO QUE
NÃO TE FAZ
CRESCER
EM NADA.



Colaboração de Assis Lima.

HOMEM FORÇA

Edgard Guimarães.

Aproveitando a ilustração de **Marcos Fabiano Lopes**, uma compilação de informações sobre o Homem Força.

Eduardo Cimó, em **Fã-Zine** nº 18, sobre os Heróis Nacionais, escreveu:

“Homem Força é uma criação de Altair Gelatti na revista **Albatroz**, no ano de 1967, na cidade de Caxias do Sul, RS. Altair Gelatti era o diretor, o gerente, o redator, o escritor e o desenhista da revista. Homem Força é um fabuloso herói nacional, em identidade secreta um rico industrial, agraciado pelos supercivilizados do planeta Marte com estúpida força e inteligência, em defesa do bem. Segundo Gelatti: ‘O Homem Força é o Superman antigo. Representa todos os meus super-heróis da infância, que transplantei para minhas histórias, criando um herói menos super forte, menos invulnerável, mais humano...’”

Lancelott, em **Catálogo de Heróis Brasileiros**:

“O Homem Força foi uma criação do genial Altair Gelatti, no sul do Brasil, em 1967, para a revista **Albatroz** da editora Litoart. Em uma entrevista: – ‘Qual a gênese do Homem Força?’. Gelatti: – ‘Ele era um rapaz puríssimo, escolhido por extraterrestres, marcianos, que eram a febre da época. Eles lhe dão força para fazer o bem e combater o mal. Hoje temos heróis que são também anti-heróis. Não se sabe se ele é bandido ou mocinho, mau ou bom. Naquele tempo, bem e mal estavam em lados diferentes. E ele era combatente do bem.’”

Ionaldo Cavalcanti, em **O Mundo dos Quadrinhos**, não trouxe verbete de Homem Força nem fez menção à revista **Albatroz**, mas trouxe três verbetes com criações de Altair Gelatti, todas histórias avulsas, *Os Robôs*, *Terra em Pânico* e *O Vampiro*, publicadas no início da década de 1970 na primeira fase do fanzine **Historieta**, de Oscar Kern. Em seu segundo livro, **Esses Incríveis Heróis de Papel**, Ionaldo corrigiu a omissão:

“Criação de Altair Gelatti, este personagem foi publicado na revista gaúcha **Albatroz**, que viveu durante 46 números na década de 70. Sem muita definição, o Homem Força adquiriu seus poderes graças a cientistas marcianos em visita à Terra.”

Antônio Luiz Ribeiro registrou, no site www.guiadosquadrinhos.com:

“A **Albatroz** de Gelatti era uma publicação que abordava praticamente todos os gêneros. Segundo Gelatti, desenhista de traço realista e limpo, Homem Força era uma homenagem aos seus super-heróis da infância, em particular o Super-Homem. Só que seu personagem era menos poderoso e mais humano, como o próprio Homem de Aço no início. O Homem Força era, na realidade, um rico industrial que foi agraciado por cientistas de Marte, em visita à Terra, com inteligência e força acima do normal. A revista **Albatroz** foi cancelada na década de 70, alcançando a invejável marca de 46 números. Sua vida longa numa praça limitada como a de Caxias do Sul da época é explicada pelo apoio publicitário das empresas locais. O Homem Força, desde então, só foi lembrado pelos fanzines, como **Historieta**, nos anos 80.”

Goida e André Kleinert, em **Enciclopédia dos Quadrinhos**, trouxeram um verbete sobre Altair Gelatti:

“Nascido (em 1931) na região da Serra Gaúcha (em Flores da Cunha), Gelatti desenhava desde muito jovem. Aos 13 anos, criou sua primeira história, *Os Robôs*, que mais tarde ganhou uma versão aprimorada. Antes de publicar suas propostas narrativas, Gelatti colaborou com empresas de São Paulo (**Histórias de Guerra**, da Editora Outubro) e Rio de Janeiro (**A Filha do Inca**, baseada em Menotti Del Picchia). Em 1967, surgiu a revista **Albatroz**, escrita, desenhada, impressa e distribuída em Caxias do Sul, onde Gelatti mora até hoje. A revista se manteve por 46 números, tendo como personagens mais constantes Homem Força (super herói mascarado) e Detetive Nelson. As HQs de Gelatti criaram seu espaço também fora de Caxias, primeiro em Porto Alegre, depois no Rio de Janeiro e São Paulo. Apesar disso, Gelatti não deu continuidade à sua carreira. Até hoje vive de sua gráfica, onde trabalha com cartões e blocos de carta.”



Altair Gelatti, segundo o verbete de Goida, publicou alguns trabalhos em editora paulista antes de editar sua revista **Albatroz**. O site Guia dos Quadrinhos menciona a história *Surpresas de Guerra* publicada em **Almanaque Combate** n° 3 (2ª série), de 1973. Pela data, é provável que tenha sido uma republicação de material produzido antes. Goida mencionou uma revista da editora Outubro chamada **Histórias de Guerra**. Não conheço revista com este nome, talvez seja a revista **Combate**.

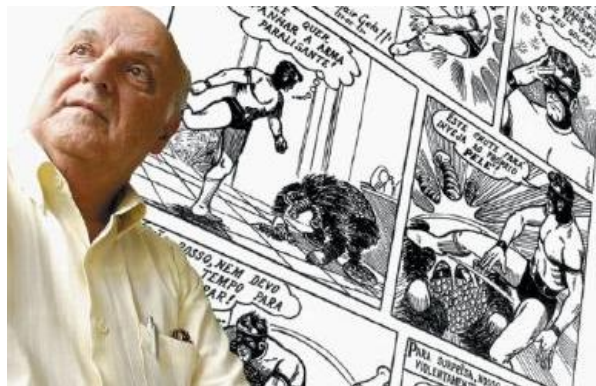
Não há muita informação sobre a revista **Albatroz**, além do que foi reproduzido aqui. Revista mensal lançada provavelmente em julho de 1967, durando 46 números, com o último número lançado provavelmente em abril de 1971, formato 160x230mm, 20 páginas e tiragem de 5.000 a 6.000 exemplares. Publicação em preto e branco com a capa inicialmente com uma cor a mais e depois em policromia.

Apesar da tiragem relativamente alta, a revista **Albatroz** sempre foi muito difícil de conseguir, para quem não viveu em Caxias do Sul na época. Tenho apenas 4 números dos 46 publicados.

O aspecto mais interessante de Gelatti e seu trabalho com **Albatroz** é que usou uma fórmula pouco explorada por produtores independentes na área de quadrinhos. Também pouco utilizada pelas editoras profissionais brasileiras. Quem já folheou um comic book norte-americano já viu que traz uma página de HQ e uma de anúncio, não raramente com dezenas de anúncios pequenos apinhados na página. Esta sempre foi a estratégia das editoras norte-americanas. No Brasil, esse espaço nos gibis nunca foi explorado, não sei dizer se por desinteresse dos anunciantes, por falta de esforço das editoras ou se por pressão dos leitores que não admitiriam o espaço das aventuras tomado por anúncios. Gelatti, no entanto, apostou na fórmula, o que permitiu que sua revista sobrevivesse por 46 meses. Das 20 páginas de cada edição, 9 eram totalmente ocupadas por anúncios, e mesmo nas páginas em que havia HQ, esta ocupava apenas os três quartos superiores da página. Até a capa dividia espaço com anúncios.

Cada número da revista trazia, com poucas exceções, uma única HQ de 10 páginas, produção de Altair Gelatti, varrendo os mais diversos gêneros, de modo geral com histórias únicas. Os temas de guerra e de ficção científica pareciam ser os preferidos. Gelatti também criou personagens que apareceram em várias histórias. O Homem Força foi o que obteve mais destaque. Teve a história *Mistério no Mar* publicada no n° 22 e *A Volta do Cientista Louco*, no n° 34, pelo que pude confirmar.

As histórias que pude ler são bastante fracas, os enredos são frouxos, com a narrativa se desenrolando de qualquer modo, sem muita coerência. Apenas um exemplo: Na aventura *Mistério no Mar*, o Homem Força é sugado para as profundezas do mar pelos habitantes de uma cidade submarina. Apesar de terem todo o aspecto de peixes, aparentemente não respiram na água, pois sua cidade submarina é “liberta das águas por um vácuo...” Aparentemente esse “vácuo” tem ar, pois o Homem Força respira normalmente. Na hora de ir embora, como tem que nadar até a superfície, recebe de presente um anel que “permitirá que respire no mais profundo dos mares, criando ao redor um vácuo pessoal”. As histórias de guerra e de ficção científica também têm um desenrolar fraco, mas têm ideias mais interessantes. O desenho de Gelatti também tem algumas



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
ALBATROZ
N.º 34
6.000 EXEMPLARES (EDITORA SÃO MIGUEL) ABRIL - 1970
DIRETOR RESPONSÁVEL: ALTAIR GELATTI
Cortezia de:
FEDRIZZI BATTISTI
MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO DO ALICERCE À PINTURA
O Melhor Preço e Qualidade para sua Construção
SOLICITEM ORÇAMENTO SEM COMPROMISSO
Financiamento em até 3 anos - 1.º pagto. a partir de 1 ano
ou em 24 Pagtos, sem reajuste de correção monetária
SANTARIOS (tapetes, capas, espelhos, etc.) Ferragens, Cal, Arenas, Telhas, Tijolos, Cerâmicas, Duretes, Eucaltes, Brasilite, Azulejos INCEPA e Impermeabilizantes etc.
Avenida Itália, 51 CAXIAS DO SUL Fone. 2753

restrições, como falhas de anatomia e as inevitáveis “referências” a outros desenhistas, mas é feito com bastante cuidado, principalmente os cenários.

Em 2009, Altair Gelatti foi homenageado no evento *Coxias em Caxias*, organizado por Marko Ajdaric, com exposição de seus trabalhos. Deu uma entrevista ao jornal local **Pioneiro**, que infelizmente não estava acessível no site do jornal.

Uma curiosidade. Nos anos 1990, um editor independente de Caxias do Sul, que já havia publicado várias revistas, a maioria com tema erótico, tentou resgatar o trabalho de Gelatti, republicando suas HQs. Entrou em contato com ele e sua família, mas a proposta que recebeu é que deveria pagar o que hoje seria equivalente a uns R\$ 10,00 para cada página que fosse xerocada para cada leitor. A iniciativa morreu aí.

DEPOIMENTO DE JOSÉ RUY

*Trechos de Depoimento de José Ruy publicado no blog <http://bloguedbd.blogspot.pt>.
Esta terceira parte fala sobre o jornal infantil "O Papagaio".*

O Carlos Cascais (chefe de redação de **O Papagaio**) era uma pessoa simpática e conhecedora do assunto, e em vez de me dispensar das colaborações, até estar mais maduro, como seria lógico, pelo contrário, continuou a apoiar-me. Encetámos uma boa amizade e o ambiente na redação tornou-se até familiar.

Pois o Artur Correia, que aparecera pelo seu pé, era vizinho do Vitor Silva e do Garcês, e só muito mais tarde, por via desse último colega nos aproximamos. Desenhava um género cómico ou humorístico em que viria a afirmar-se.

Esses encontros na redação prolongavam-se a trocar impressões e conversas. Por vezes aparecíamos à noite, depois do jantar, quando o nosso estudo e o trabalho o permitiam. No entanto, nada comparável às tertúlias da redação de **O Mosquito**.

Confraternizávamos já com os operadores e locutores do Rádio Renascença, cujos estúdios ficavam ao lado da sala da redação, separados por um corredor. Pelas vigias circulares nas portas à prova de som, espreitávamos curiosos o aspecto do seu interior.

A partir de uma certa hora da noite punham música gravada em bobinas de fita com longa duração, e os locutores mais livres nessa altura costumavam vir larachar conosco um bocado vendo os desenhos e contar histórias. Depois deixavam-nos ir ao interior dos estúdios enquanto transmitiam os pacotes de música cujos títulos iam anunciando de espaço a espaço.

Eu e o Vitor Silva pedíamos-lhes para colocarem no ar músicas do nosso agrado, como o 'Bolero' de Ravel, 'Scheherazade' e 'O Voo do Moscardo' de Rimski Korsakov, 'A Dança Ritual do Fogo' de Manuel de Falla e outras que escutávamos enlevados pelos altifalantes instalados nas outras salas. Era um fascínio; para nós essa componente sonora fazia parte da redação.

Um dia o José Garcês pediu-me para o apresentar no jornal, o que achei dispensável, pois era lógico ele apresentar-se sozinho sem precisar de padrinho. Mas fez questão e lá o "leveei pela mão". Chegou a fazer umas três aventuras. O José Garcês atingira já nessa altura uma craveira cimeira, pois era também o mais velho do grupo. Começou a publicar os seus originais depois de nós, por conselho do Mestre João Rodrigues Alves que achava ser preferível ele esperar algum tempo mais até alcançar um nível mais maduro. E tinha razão, a idade influiu muito no modo de observar as coisas. Aos dezoito anos temos uma melhor capacidade de visão e na maneira de conseguir resultados do que aos catorze. Estávamos todos a começar e **O Papagaio** proporcionou-nos essa experiência e a maturação indispensável através da prática e observação do resultado entre o que desenhávamos e a impressão no papel.

Toda a colaboração tinha de ser realizada também com um avanço em relação à data de publicação, sem ser necessário entregar a história completa. Também não nos marcavam limites no número de páginas nem impunham temas. Havia uma liberdade total.

Em dada altura, o Roussado Pinto fez a sua aparição na redação de **O Papagaio**, como colaborador. Começou a escrever contos que acompanhava com desenhos do Vítor Péon, feitos para um projeto falhado de outro jornal depois que o **Pluto** acabou, e trazendo material de autores ingleses e espanhóis. Foi acentuada a sua influência considerando-se um ajudante do Carlos Cascais. O aspecto do jornal modificou-se então.

O volume da colaboração prestada pelo Roussado Pinto era notório. Em algumas histórias assinava mesmo o seu nome mas usava pseudónimos para não dar o aspecto de monopólio. Na tabela de preços entre as páginas com histórias ilustradas e as ilustrações soltas havia um desequilíbrio considerável. As páginas em Quadrinhos eram pagas a 20 escudos e as ilustrações do interior a 7 escudos e cinquenta centavos. Como uma página de narrativa gráfica continha vários desenhos, seis, oito, se fosse paga como as ilustrações soltas, valeria 45 escudos. Então começámos a reduzir o número de vinhetas fazendo quatro por página, como compensação.

Entretanto, no início de 1948, o Roussado Pinto decidiu fazer o argumento de uma História em Quadrinhos para eu ilustrar. Fiquei satisfeito, mesmo tendo que dividir o valor a receber, pois ia trabalhar numa história melhor concebida. Foi o primeiro argumentista que tive, pois os enredos eram e têm sido sempre de minha autoria, com poucas exceções. Chamou-lhe *Os Cavaleiros do Vale Negro*.



Mas o Roussado Pinto estipulou que faríamos essa história com seis vinhetas, para conseguirmos uma sequência mais dinâmica em cada episódio. Tinha toda a razão. Dividimos os 20 escudos, 15 para o desenho e 5 para o texto. A partilha entre o argumentista e o desenhador foi sempre nesta proporção, salvo em casos especiais e sempre de comum acordo.

Mas passámos a ter muito pouco avanço, ele fornecia-me o argumento duas semanas antes da publicação, o que me obrigava a um ritmo acelerado, para não falhar a entrega. Nessa altura já trabalhava n' **O Mosquito**, continuava a estudar na Escola António Arroio e esta colaboração tinha de ser feita em serões.

A história ia-se desenrolando com o tempero que o autor do texto sempre aplicou em doses certas nos seus argumentos, contos e novelas. Mas a sua relação com o Carlos Cascais começou a não ser pacífica. O Roussado Pinto punha e dispunha sem o consultar, alterava histórias que estavam programadas e chegou a contactar a administração com uma proposta de que não cheguei a saber o conteúdo, mas que desagradou ao Carlos Cascais, por ter sido nas suas costas. Brigaram e o Cascais impôs a sua posição de chefe de redação. Intuí, por frases soltas, que teria feito uma tentativa no sentido de substituir o Carlos Cascais.

O Roussado Pinto voltou as costas e afastou-se. Deixou *Os Cavaleiros do Vale Negro* órfão de argumentista, e voltando-se para mim, disse que continuasse a história, pois tinha boas condições para isso. Sem saber o que ele imaginara para o seguimento da aventura, pois as sequências eram improvisadas à última da hora, fui dando rumo aos acontecimentos. Mas caí na tentação errada de voltar às quatro vinhetas por página.

O Vitor Silva criava secções com curiosidades, bem desenhadas, e realmente a estrutura do jornal estava muito diferente do que há quatro anos atrás. A administração d' **O Papagaio** certo dia reclamou na Litografia Salles que usando este jornal 4 cores, o seu aspecto gráfico não se comparava ao d' **O Mosquito**, só com 3 cores. O Salles, dono da gráfica e que conhecia o meu trabalho, contactou o Baptista Moreira, o transportador litográfico de **O Mosquito**, para me convidar a ir litografar um número d' **O Papagaio**, para provar à administração do jornal que podiam fazer melhor. Uma parte do problema estava no orçamento muito à pele, que não dava para a oficina poder convidar um oficial profissional para este trabalho, que era executado por aprendizes. Mas como a comparação tinha sido com **O Mosquito**, fez questão de ser o mesmo autor das cores a fazer esse trabalho. Não sei se por coincidência, se o Carlos Cascais deu um jeito nisso, o número marcado para a experiência tinha na capa e nas centrais desenhos meus a ilustrar um conto também de minha autoria. Pedi autorização ao Tiotónio, que me disse não ter o meu exclusivo e que estivesse à vontade. Na Litografia Salles não usavam aerógrafo e levei o d' **O Mosquito** emprestado. Foi neste número 710 de **O Papagaio** que as cores foram litografadas por mim. Claro que a Litografia Salles depois apresentou uma proposta ao jornal, que para manter o aspecto gráfico obtido teriam de cobrar mais, e esse pormenor determinou que ficasse tudo como antes.

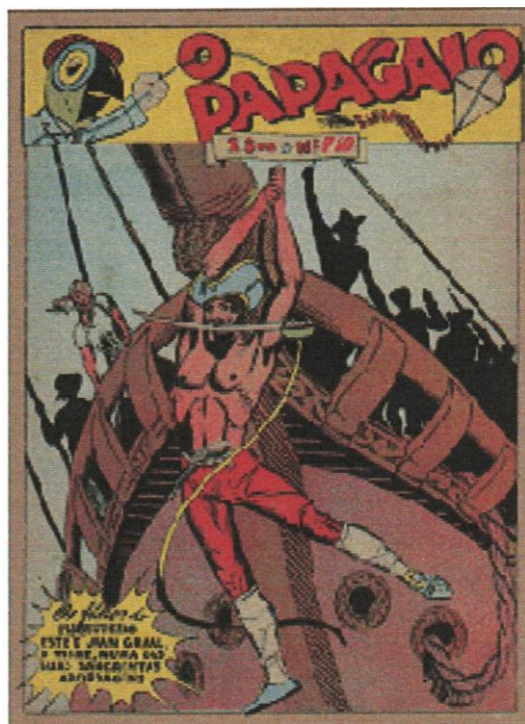
Mas no ano seguinte...

Em 1949 foi-nos anunciado, aos colaboradores do jornal **O Papagaio**, de que ia haver uma fusão de publicações no Grupo Editorial Renascença Gráfica e que este jornal seria integrado como suplemento na revista **Flama**, que existia já.

O Papagaio perdeu a sua independência e passou a ser destacável da revista e impresso só a preto e uma cor.

A revista **Flama** ficou com 24 páginas, sendo 12 impressas pelo processo Rotogravura que melhor se aproxima do aspecto da fotografia, com uma sobrecarga a vermelho, em tipografia, na capa e contracapa. O resto do interior era em tipografia, com algumas páginas a duas cores, onde foi incluído **O Papagaio**, que passou a ser então uma "secção infantil" ou um "suplemento". Primeiro começou a ocupar três páginas da revista e mais tarde passou a duas, uma folha para dobrar ao meio fazendo quatro páginas mais pequenas, mas apesar de tudo com melhor arrumação para o conteúdo. Havia contos nas páginas fora do suplemento que continuaram a ser ilustrados por nós. O diretor da revista era o jovem desportista Mário Simas, e o chefe de redação o Frei Diogo, pessoa espetacular, conhecedor do que fazia e de um valor humano invulgar.

O Carlos Cascais manteve-se como responsável pelo suplemento e também por outras secções. Desta vez tínhamos um diretor presente e a relação entre nós, os colaboradores e os dirigentes era ótima. Tínhamos menor espaço disponível na revista, por isso o aproveitamento passou a ser mais rigoroso e equilibrado. As Histórias em Quadrinhos ficaram praticamente entregues ao Vitor Silva e a mim.



QUADRINHOS: PROBLEMA DE ARTISTAS NACIONAIS

Matéria produzida em 1978 pela distribuidora ECAB, enviada por Luigi Rocco.

O desenhista José Menezes dissecou em entrevista a luta do artista nacional contra o “fantasma” que representa a importação de personagens do exterior. Sua ideia para a formação de um sindicato, a exemplo do que é feito na França, parece a solução ideal.

Reportagem de IVONNE AMORIM.

O leitor pega na banca uma revista de histórias em quadrinhos e jamais imagina os processos pelos quais passou até que a publicação fosse elaborada e finalmente impressa.

O público conhece os heróis e muito pouco dos heróis autênticos, aqueles cuja cuca foi fundida para a criação das figuras tão populares como o Fantasma, Robin Hood, Mandrake ou Jim das Selvas.

Originalmente importados, principalmente dos Estados Unidos, os personagens em quadrinhos têm uma história curiosa que é aqui contada por um artista de inegáveis méritos – JOSÉ MENEZES. O desenhista experiente e de imaginação fértil, capaz de manter a qualidade do trabalho, sem a qual o leitor se desinteressa pelos personagens.

O ARTISTA E SUA VIDA

Com 40 anos de idade, José Menezes já fez de tudo diante de um cavelete. Na Rio Gráfica Editora, ao atrasarem os norte-americanos a remessa do Fantasma ou Jim das Selvas, tinha ele que passar horas e horas criando e desenhando a sequência das aventuras dos conhecidos personagens. Isto porque as revistas têm dias certos para circular e o capital empregado em publicações do gênero não comporta atrasos. Mesmo porque são aos milhares os compradores habituados a tal tipo de leitura e a aquisição de revistas, em dias certos, faz parte dos hábitos dos fregueses. Eles ficam aborrecidos se lhes falta aquilo que procuram e o editor corre o risco de ver seus leitores serem atraídos por outros personagens, de firmas concorrentes.

Disso tudo, o ponto central é o artista, no Brasil muito mal remunerado.

HISTÓRIAS IMPORTADAS – HISTÓRIAS NACIONAIS

Há muitos anos tentam os autores brasileiros quebrar a resistência dos editores, lançando personagens genuinamente brasileiros, sobretudo de nosso folclore. Porém, destronar o mágico ou o Tio Patinhas, já impregnados no mercado graças à hábil divulgação, não é tarefa das mais fáceis. José Menezes, no entanto, obteve êxito ao criar para a SURSAN, do antigo estado da Guanabara, quadrinhos sobre um tema profundamente humano: as favelas.

As dificuldades de mercado, no entanto, não podem ser atribuídas somente aos editores, os quais já tentaram vencer o problema. O leitor – este sim – não aceita em sua grande maioria os personagens legitimamente brasileiros. Aqui vai um exemplo dado por José Menezes. Suas declarações são textuais:

“Falarei de Kim e Águia Branca e vou referir-me a histórias nitidamente brasileiras. Trata-se de distribuição de material nacional, distribuído para jornais e revistas brasileiras. O argumento de histórias brasileiras ainda é um problema difícil e isso nos leva à opção de ter que desenhar coisas semelhantes aos enlatados tradicionais, exatamente porque o nosso leitor, que durante anos e anos foi habituado a ler e ver as escolas de heróis de fora, não aceita de pronto uma ideia oposta ao tradicional. Seria bom que o leitor aceitasse melhor as nossas lendas e o nosso folclore, tão ricos e importantes. Há tempos criei para uma editora uma história quadrinizada sobre a invasão holandesa, onde eu focalizava a resistência a um grupo de 13 brasileiros, durante cinco horas, frente a 300 ou mais holandeses. Procurei, em meu argumento, ser o mais autêntico possível, inclusive estudando trajes, costumes e fatos. Para minha decepção, consideraram o assunto não comercial...”

“O que anima ultimamente é ter encontrado uma editora como a Carneiro Bastos, que edita, investe e lança, em produções gráficas nos moldes americanos, tudo o que produzimos.”

“A Carneiro Bastos nos dá uma participação na base de percentual fixado em contrato, por cada venda de nossa produção, em relação às vendas para jornais e revistas do Brasil, com opção para o exterior. Isso é muito bom porque essa editora, lutando tremendamente há vários anos, está, aos poucos, vencendo a resistência das empresas jornalísticas, já tendo aberto brechas no exterior.”



“Infelizmente são poucas as empresas compreensivas. Elas não imaginam a importância não só intelectual da divulgação daquilo que é nosso. Também é necessário que entendam sobre o aspecto econômico em relação às divisas despendidas com tal comercialização.”

“Tenho sido convidado com frequência para participar de debates sobre o quadrinho nacional e não nego que tem sido grande a minha decepção.”

A SOLUÇÃO DO PROBLEMA

Perguntamos a José Menezes se existe solução para o problema. Eis o que nos afirmou:

“Acho que seria importante a criação de um sindicato, a exemplo do que é feito na França. Ali os desenhistas revendem seus trabalhos para o Socerlit, que os distribui para toda a Europa. Se alguma história de fora é pretendida por um jornal ou revista francesa, o comprador é obrigado a adquirir um similar francês. É uma forma salutar de “dá cá e toma lá”. Ninguém fica perdendo. Ninguém fica de fora.”

Com sua larga experiência, Menezes prossegue discorrendo sobre a luta que está desenvolvendo:

“Tenho muita vontade de produzir um livro sobre quadrinhos e a ideia nasceu quando iniciei minha coleção de originais de tirinhas. Minha correspondência com desenhistas de outros países e também com os nacionais. Esse trabalho de cooperação sobre os quais debatemos estilos, didáticas e problemas, não apenas nos aproxima, mas acaba por nos dar luz em busca de uma solução.”

“Moacy Cirne, meu particular amigo, ao publicar seu livro “A Explosão Criativa dos Quadrinhos”, teve às suas ordens todo o meu arquivo de gibis. De qualquer forma, é um passo à frente. Ainda não tenho, pelo menos de imediato, solução à vista.”

E AS COMPENSAÇÕES?

José Menezes é um lutador e suas palavras revelam a esperança de dias melhores. Isto se revelou quando lhe perguntamos sobre as compensações da luta desenvolvida:

“Tenho tido momentos de compensação. Não direi que se trata de compensação material, mas o lado moral e espiritual. Isto a partir da edição de “Kung-Fu” para a Ebal. Passei a receber cartas, muitas cartas dos leitores, me incentivando. Isso é um conforto. Meus colegas, argumentistas e desenhistas me apoiaram inteiramente. Primaggio (criador de Sacarroilha), Orestes Oliveira, também desenhista de “Kung-Fu”, Hélio do Soveral, argumentista, e numerosos outros me apoiaram e incentivaram. Isto já representa alguma coisa.”

E A LUTA PROSEGUIRÁ

José Menezes reside em Petrópolis. Ali ele imagina e cria suas histórias, dando continuidade à vida do Fantasma ou de qualquer outro personagem, desde que lhe seja encomendado. Se o escritor americano está de pileque e não entregou a história. Se o desenhista de Tio Sam não deu conta do recado, por qualquer motivo, dos quadrinhos de Jim das Selvas, Menezes vai para o estúdio e um novo capítulo dentro em breve está nas bancas.

Ele é otimista, embora desapontado pela resistência às histórias nacionais. Para encerrar a entrevista, afirmou:

“Tenho de lutar e acho não estar muito longe de uma vitória. Se nos arregimentarmos e, a exemplo do que fazem os franceses, nos unirmos, acredito ser possível atingir o objetivo. Porque, de uma coisa podem estar certos: a luta prosseguirá!”

ÁGUIA BRANCA



Acima, uma amostra da tira da série ‘Águia Branca’. Há uma questão em aberto em relação a esta série, bem como à série ‘Kim’. Segundo Menezes, na entrevista apresentada acima, as duas séries contêm “histórias nitidamente brasileiras”, mas, por outro lado, só restou a “opção de ter que desenhar coisas semelhantes aos enlatados tradicionais”. José Magnago, nos números 5 e 6 de “Coleção Mestres do Quadrinhos Nacional”, dedicados a José Menezes, informa que as tiras de ‘Kim’ e ‘Águia Branca’ foram adaptações de histórias de Jim das Selvas e Flecha Ligeira que Menezes havia feito para as revistas homônimas da Rio Gráfica e Editora e que não foram aproveitadas porque foram canceladas. Assim, quando a Editora Carneiro Bastos começou a distribuir material nacional para jornais e revistas, a partir de 1974, Menezes adaptou o material pronto, mudando os nomes para Kim e Águia Branca. Infelizmente não consegui maiores informações a respeito. Na mesma edição nº 5, Magnago reproduz matéria de Luiz Antônio Sampaio publicada em “Calafrio” nº 34, dando notícia de outra série produzida por Menezes para a ECAB. Trata-se de ‘Os Que Viram Jesus Nascer’, composta de 25 tiras, distribuída no final de 1978, contando a história de Cristo. Essa história foi efetivamente publicada em alguns jornais, como “Diário do ABC” e “Diário de Borborema”.

32º ANGELO AGOSTINI

Edgard Guimarães

No dia 30 de janeiro de 2016 aconteceu, em São Paulo, o **32º Angelo Agostini**, evento comemorando o Dia do Quadrinho Nacional, organização da AQC-ESP – Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo.

O evento foi realizado no Auditório da Biblioteca do Memorial da América Latina, na Av. Auro Soares de Moura Andrade, 664, ao lado do metrô Barra Funda.

Cheguei ao local por volta do meio dia. Já havia vários participantes arrumando as mesas para vendas de seus lançamentos. Também já era possível visitar a exposição de originais de vários dos homenageados, palestrantes e ganhadores do prêmio **Angelo Agostini**. O primeiro autor que encontrei foi o Eduardo Vetillo, que além de lançar dois livros publicados pela editora do SESI-SP, **Motim a Bordo** e **Zôo City**, também participaria de um debate sobre publicações com tema histórico. Pela terceira vez, Vetillo fez um retrato meu.



Através de Vetillo, fiquei conhecendo o Convidado Especial do evento, Roberto Goiriz, autor paraguaio que trabalhou muito tempo no Brasil, especialmente produzindo quadrinhos para o Estúdio Ely Barbosa. Atualmente Goiriz produz quadrinhos sobre a História do Paraguai, em especial como encarte em jornais paraguaios. Ganhei dele o álbum **1811**, que desenhou com roteiro de Robin Wood, um dos mais prolíficos roteiristas a trabalhar no mercado argentino na década de 1970. Além do álbum, ganhei também o catálogo da 1ª Bienal Internacional de Asunción, realizada em outubro do ano passado. Vários autores e conhecidos começaram a chegar, entre eles, Luigi Rocco, Gazy Andraus, Bira Dantas, Marcos Venceslau, Will, Laudo Ferreira Júnior, Omar Viñole, Primaggio, Christie Queiroz, Dédy Edson, Kendi Sakamoto, entre outros. Julio Magá, que participaria de um debate sobre HQ infantil, apresentou seus novos personagens divulgados na internet, as turmas *Freak Teens*, *Olívia Ovelhinha* e *Casca Grossa*. Também me encontrei com Beralto, fanzineiro das antigas, que me presenteou com todos os números de **Peibê**, vencedor do **Angelo Agostini** como *Melhor Fanzine*, além do especial **Afroindi**.

A partir de umas 2 horas da tarde, começaram os debates. O primeiro teve como tema os *50 Anos do 1º Fanzine Brasileiro*, apresentado por Gonçalo Jr. e intermediado por Gazy Andraus. Gonçalo Jr. reafirmou a primazia do fanzine **Ficção**, de Edson Rontani, como o primeiro fanzine brasileiro, pelo conjunto de suas características: continuidade, distribuição entre fãs, intercâmbio, diversidade, etc. Depois, César Cavelagna, Christie Queiroz, Carlos Avalone e Julio Magá, com intermediação de Alexandre Silva, discutiram os *Novos Caminhos para a HQ Infantil*. Carlos Avalone, veterano autor de quadrinhos apresentou seus novos trabalho, animações feitas para a internet. Curiosamente, os autores presentes na mesa, em sua maioria, veem a internet como solução para os Quadrinhos Brasileiros, em especial os infantis. Somente Christie tem insistido na publicação impressa, em jornais, livros e revistas, de sua *Turma do Cabeça Oca*. Christie já lançou por conta própria 12 volumes com as tiras de seus personagens, com distribuição mais regional. Tentou relaná-los por uma editora paulista, a Martin Claret, mas saíram apenas os 3 primeiros. Segundo revelou na hora, a editora não pagou os direitos autorais. O último debate teve como tema *Brasil e Paraguai Unidos pelo Traço*, com presença de Roberto Goiriz, Eduardo Vetillo e André Toral, com intermediação de Nobu Chinen. Os três autores presentes já produziram livros em quadrinhos sobre o episódio da Guerra do Paraguai. André Toral é autor de **Adeus, Chamigo Brasileiro**, da Cia das Letras, em 1999, e Eduardo Vetillo adaptou para quadrinhos **A Retirada da Laguna**, de Visconde de Taunay, para a Cortez Editora, em 2013. Roberto Goiriz, como mencionado, tem produzido coleções encartadas em jornais paraguaios quadrinizando vários episódios da História do Paraguai. Apesar do tema da palestra ser *Brasil e Paraguai Unidos pelo Traço*, e de já ter passado um século e meio do conflito, ainda estava no ar que os dois países estavam em lados opostos na guerra, e que cada lado ainda acha que estava com a razão.



Por fim, a entrega dos troféus. Infelizmente não pude ficar para assistir à entrega, mas apresento a seguir a relação dos vencedores.

Melhor Desenhista – DI AMORIM (**Steampunk Ladies** – Editora Draco)

Melhor Roteirista – ALEX MIR (**Valkíria, Orixás**)

Melhor Cartunista – BRUM (**O Menino da Laje 8, Mad, Brummmmm!!**)

Melhor Lançamento – **Valkíria** – **A Fonte da Juventude** (Alex Mir e Alex Genaro – Editora Draco)

Melhor Lançamento Independente – **Nos Bastidores da Bíblia – Êxodo** (Carlos Ruas e Leonardo Maciel)

Melhor Web Quadrinhos – **Nuvens de Verão** (Charles Lindberg e Israel de Oliveira)

Melhor Fanzine – **Peibê** (Instituto Federal Fluminense – Macaé – Beralto)

Prêmio Jayme Cortez – GIBITECA DE SANTOS

Mestres do Quadrinho Nacional – CARLOS PATATI, CHRISTIE QUEIROZ e MARCATTI

Noticias sobre HQ???

Acesse 

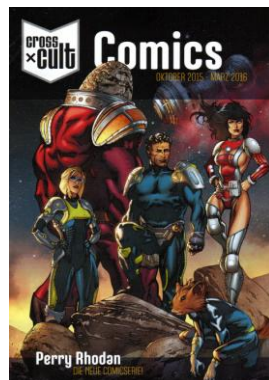
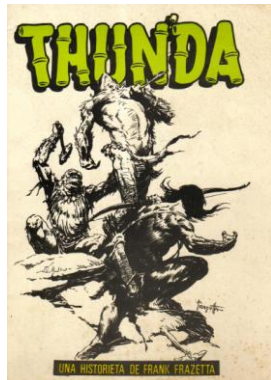
<http://madeinquadrinhos.blogspot.com>

Entrevistas, reportagens, colunas, matérias, dicas e um mundo informações sobre quadrinhos

EDIÇÕES DE FORA

Edgard Guimarães

Roberto Mac-Ghan, de Montevideo, enviou várias edições mexicanas e espanholas. A primeira foi o nº 2-34 de **Flash Gordon**, da mexicana Editorial Novaro, publicado em junho de 1982. Em formatinho colorido, papel jornal, com uma impressão regular, traz adaptações de tiras de *Flash Gordon* da fase de Dan Barry. As outras 4 edições são espanholas produzidas por fãs de historietas, três delas da coleção *Maestros de la Historieta*, publicação do Club Vallisoleitano de Amigos del Tebeo. Duas trazem *La Torre de los Ramires*, do autor português Eduardo Teixeira Coelho, adaptado de Eça de Queiroz, produção de 1950. Eduardo Teixeira Coelho, na época, republicava suas histórias feitas para o jornal português **O Mosquito** no jornal espanhol **Chicos**. A terceira traz *Thun'da* de Frank Frazetta, também dos anos 1950. O formato e a impressão infelizmente não permitem apreciar toda qualidade dos belos desenhos de ETC e Frazetta, este ainda no início de carreira. O quarto volume traz um estudo sobre Burne Hogarth, escrito por Fernando Bernabón Gil, destacando seu trabalho com *Tarzan*, *Drago* e *Miracle Jones*.



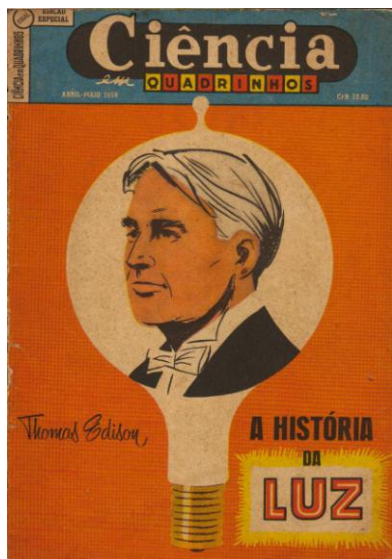
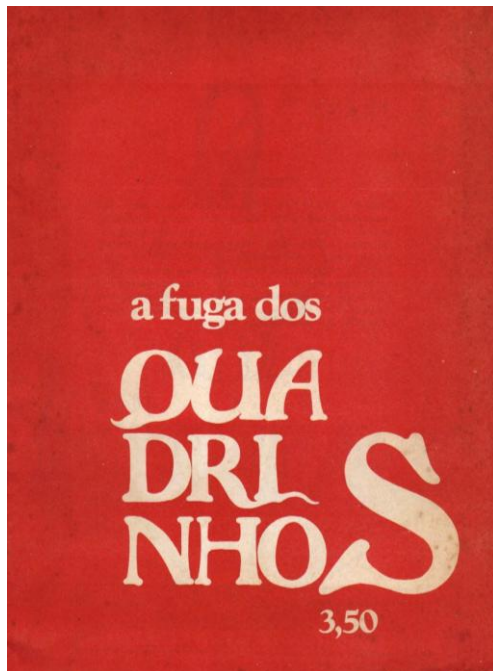
Gerd Bonau enviou, além do nº 10 de **Pure Fruit**, divulgado na seção *Edições Independentes*, o catálogo semestral da editora alemã Cross-Cult. Uma enorme variedade de edições de todos os gêneros totalizando mais de 2 centenas de livros e álbuns. Muito do material publicado pela Cross-Cult aparece no Brasil, como *Peanuts*, *Angry Birds*, *Hellboy*, *The Walking Deads*, *Saga*, *Sin City*, mas há uma maior quantidade de coisas que nunca deram as caras por aqui. Algumas, felizmente. Mas outras, como *Ork Saga*, *Birth Right* e *Outcast*, para citar apenas algumas, são para deixar com inveja.

Uma curiosidade é o lançamento de uma nova série em quadrinhos da famosa série de novelas *Perry Rhodan*. Com direito a ganhar a capa do catálogo e duas páginas internas. No Brasil, os livros de *Perry Rhodan* tiveram centenas de volumes publicados e, na década de 1970, a editora Etcetera publicou 2 números de uma revista em quadrinhos. Material bom, bem impresso, colorido, e com uma característica inusitada: a apresentação de nus femininos, o que não era permitido na época. Mas, olhando a ilustração da capa do catálogo, é impressão minha ou foi de *Perry Rhodan* que saíram os *Guardiões da Galáxia*? E será que foi devido ao sucesso do filme no cinema que resolveram trazer de volta *Perry Rhodan* para os quadrinhos? Meras suposições.

QUADRINHOS BRASILEIROS BISSEXTOS

Edgard Guimarães

Estão sempre aparecendo revistas de quadrinhos inusitadas. Descobri agora este **A Fuga dos Quadrinhos**. Sem número, saiu em abril de 1976, editada em Porto Alegre (RS) por Vernei Hilário da Silva. O texto de apresentação de Fraga na página 2 começa com “Não vi a FUGA DOS QUADRINHOS mas já gostei” e termina com “Quando é que sai o segundo número?”. Talvez tenha sido pensada para ser um número avulso. As 32 páginas da revista, num formato próximo ao magazine, trazem histórias em Quadrinhos de Magna Killing, Dante Rostirolla e Ana Maria Heurich. Dante começa com uma página apresentando seu personagem *Mexias, o Profeta*, “um jovem professor de história, atacado por milenares epidemias asiáticas, combinadas com sérios distúrbios cérebro-vasculares ocasionados por fuligens poluidoras, e mais: a famigerada e transcendental febre tevemaníaca, transforma-se em: Mexias”. Apesar desse início promissor, as demais histórias do personagem (5 histórias em 11 páginas) não conseguiram bom resultado. Magna Killing participa com 7 histórias, totalizando 10 páginas, com a personagem *Rapunzel*, uma menina de longas tranças às voltas com a incompreensão dos pais, que desejam cortá-las. Um traço interessante, pessoal, com boas ideias. O melhor resultado, a meu ver, tanto no traço, bem seguro, como nos argumentos, foi conseguido por Ana com seu personagem *Extinto, Um Sujeito Distinto*, coadjuvado por *Beatriz*, sua conformada e sonhadora mulher. *Extinto* estrela 5 histórias totalizando 7 páginas. Uma característica da revista é que foi impressa com uma cor a mais, além do preto, o vermelho. Magna e Ana fizeram um bom uso dessa segunda cor, aplicando-a na trança de *Rapunzel*, na gravata de *Extinto* e no crochê de *Beatriz*, com um resultado agradável. Dante não soube tirar proveito desse recurso. A quarta capa, tão textual quanto a capa, termina a edição com uma provocação: “Quadrinhos Redondos Ovais Sobrenaturais – Você já pensou num quadrinho redondo?” No caso provável de não ter saído um segundo número, a pergunta ficou sem resposta.



Já escrevi aqui no “QI” um texto sobre as edições especiais da Ebal. Não deu para esgotar o assunto, pois a Ebal, nesse quesito, era bem traiçoeira. Já comentei no “QI” 135 sobre a edição **João e Maria**, feita pela Ebal para a Sociedade Civil Bem-Estar Familiar do Brasil. Agora, acabo de descobrir uma edição especial de **Ciência em Quadrinhos**. A coleção **Ciência em Quadrinhos** teve uma primeira série lançada em outubro de 1953, durante 32 números, até setembro de 1958. Em fevereiro de 1959, teve uma edição especial chamada **Juca Descobre o Segredo**, com o mesmo tipo de material. Entre dezembro de 1976 e outubro de 1977, a Ebal lançou uma segunda série de **Ciência em Quadrinhos**, republicando 11 números da primeira série, com formato maior, papel e impressão melhores. Esses 11 números compõem uma série própria, denominada **História da Civilização**, em 11 partes, que saiu dentro da primeira série nos números 11 a 15, 24 a 28 e 30. Não sei dizer se originalmente havia mais capítulos, não publicados pela Ebal devido ao fim a da coleção. Em 1985, saiu outra edição especial, chamada **O Cometa Haley**.

A edição especial que acabo de adquirir trouxe o mesmo material publicado no nº 10 da primeira série de **Ciência em Quadrinhos**, em janeiro de 1955. Com uma nova capa, a edição trazendo **A História da Luz**, com a biografia de Thomas Edison, saiu em abril/maio de 1958. No rodapé da última página, os dizeres: “Este exemplar da ‘História da Luz’ é oferecido pelo Departamento de Lâmpadas e Iluminação da General Electric S.A.”. Nos rodapés de todas as páginas foram acrescentados minianúncios dos produtos da GE. Não sei dizer se a distribuição foi feita exclusivamente pela General Electric.

FÓRUM

HENRIQUE MAGALHÃES

Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180

Obrigado pelo envio do “QI” 136, juntamente com o suplemento ‘Pequena Biblioteca sobre Histórias em Quadrinhos’ 3. São muito importantes essas pesquisas, não sei onde você conseguiu tempo para fazê-las com tanta regularidade.

Ocorreu-me que esse material, tanto o “QI” quanto a ‘Pequena Biblioteca’, deveriam, além da edição impressa, ser digitalizadas, para que se tenha um banco de dados intemporal e irrestrito. Sei que é muito trabalho para você e nem sei se a ideia lhe agrada, mas eu poderia lhe ajudar a fazer edições digitais do “QI” para serem disponibilizadas em algum site, que poderia ser a Marca de Fantasia. A ideia é lançar uma nova edição impressa e a precedente digital, de modo que não tire a prioridade sobre a edição impressa.

Estou lançando a segunda edição ampliada de meu livro “A Mutação Radical dos Fanzines” em formato digital e lhe envio uma cópia. Estou lançando também o álbum “Entressafra” juntamente com Sérgio Chaves, da “Cafê Espacial”. Assim que meus exemplares chegarem – foram impressos em São Paulo – mando-lhe o seu.

É uma boa sugestão a de colocar estes suplementos e o próprio “QI” disponíveis no site da Marca de Fantasia. Há vários anos o André Diniz fazia isso no site dele. Ele escaneava diretamente da edição impressa. Não sei qual seria o melhor modo. Eu edito o “QI” e os suplementos no Word e gero os arquivos PDF para levar para a gráfica. Então eu tenho arquivos PDF de todas as edições a partir do “QI” 100. Mas, para dar qualidade à impressão, eu gero os PDF com bastante resolução, o que faz os arquivos ficarem grandes. Mais ou menos, cada “QI” tem um arquivo DOC de 20 Mega e o correspondente PDF de 80 Mega. Eu vejo que os arquivos que você gera em PDF são bem menores, na faixa de 4 ou 5 Mega. Não sei como você faz. Talvez eu tenha que lhe enviar os arquivos DOC para você gerar os PDF novamente, com a resolução que lhe seja conveniente.

Realmente, 80 Mega fica pesado para colocar no site e difícil para os leitores baixarem. Mande-me o arquivo DOC que tentarei converter em PDF com resolução menor. Pode ser a edição recente ou a anterior, para fazermos um teste.

Estou enviando a metade do “QI” 136, não consegui enviar o arquivo inteiro, que tem 20 Mega, minha internet é fraca. Envio a outra metade em outro e-mail. Espero que você consiga emendar os dois arquivos DOC e que consiga gerar o arquivo PDF com menor resolução e que possa ser colocado no site. Acho melhor enviar o “QI” atual com umas duas semanas de atraso em relação à versão impressa.

Recebi a primeira parte do “QI” 136, fico aguardando a segunda parte para ver como farei a emenda. Se você criar uma conta de e-mail no Google, terá direito a utilizar até 15 Giga do Google Drive, o que é um bom espaço de backup nas nuvens. Ao colocar arquivos grandes no Google Drive, você pode gerar um link e enviar para ser baixado, com isso tenho resolvido o problema de mandar arquivos com mais de 20 Mega, que é o limite do Gmail. Ah, é lindo o “QI” com as imagens coloridas. Foi por isso que resolvi editar a segunda edição de meu livro “A Mutação Radical dos Fanzines” e mesmo “O Rebuliço Apaixonante dos Fanzines” em arquivo digital, para poder ter as capas dos fanzines coloridas. É uma outra experiência visual. Mas, claro, acho também muito bom o “QI” impresso e em preto e branco. Os dois formatos podem circular simultaneamente ou com uma pequena defasagem do digital para o impresso.

(Fiz o envio do arquivo DOC completo do “QI” 136 através do Google Drive, como sugerido pelo Henrique Magalhães.)

Baixei o arquivo do Google Drive e veio tudo em ordem. Digitalizei a capa em cores do impresso e coloquei no arquivo Word, depois salvei em PDF, ficou com 5,6 Mega, o que dá para colocar no site. Veja o resultado. Quando você quiser, posso disponibilizar o fanzine na Marca de Fantasia. Seria bom um pequeno texto para os leitores do site colocando esse novo suporte de veiculação do fanzine. Você pode fazê-lo? Algo curto, dois ou três parágrafos.

Ficou ótimo e agradeço o cuidado que teve em substituir a capa em preto e branco pela versão “colorida”. E realmente é outra coisa ver as imagens todas coloridas, em especial as capinhas das edições independentes. O modo como você gerou o PDF não prejudicou em nada a resolução. Talvez eu esteja fazendo a coisa errada, gerando um PDF com uma resolução alta que não faz diferença nenhuma. Pensarei no assunto. Escreverei o texto introdutório que me pediu e logo lhe envio. E você já pode colocar o “QI” no ar quando quiser, pois já tem mais de meio mês que ele saiu, então já teve tempo suficiente para os leitores da versão impressa receberem (com a boa vontade dos correios, é claro).

Texto enviado a Henrique Magalhães e colocado no site Marca de Fantasia, como apresentação para quem quiser baixar o arquivo digital em PDF do “QI” 136.

O fanzine “QI” (inicialmente chamado “Informativo de Quadrinhos Independentes”) foi lançado em janeiro de 1993 como uma publicação de divulgação de edições independentes, principalmente de Quadrinhos. Bimestral desde o início, começou gratuito, depois foi ganhando corpo e passou a ter algum custo para o leitor. A partir do número 40, ganhou aspecto de revista e a partir do número 101 passou a adotar o sistema de assinatura anual.

Saindo regularmente há mais de 20 anos, sempre em versão impressa, agora, graças à oferta de Henrique Magalhães e a Marca de Fantasia, o “QI” passará a ser oferecido em versão digital, em arquivo PDF. A versão impressa continuará sendo publicada, ao custo de R\$ 25,00 a assinatura anual, correspondente a 6 edições, quase sempre acompanhadas de encartes e suplementos especiais.

WAGNER TEIXEIRA

R. Pedro Américo, 166/1009, bl. B – Rio de Janeiro – RJ – 22211-200

Vi uma nota que o “QI” passará a ter também versão digital em PDF, é isso mesmo? Já tem edição disponível? Se tiver um cadastro para recebimento, eu gostaria de ser incluído. Tô com edições do novo “Coletivo Zine”, o nº 3, logo te envio um para divulgação no “QI”.

Aceitei a oferta do Henrique Magalhães de deixar cada número do “QI” que sair, também disponível em arquivo PDF. O “QI” 136 já está disponível no site www.marcadefantasia.com. É só entrar lá e baixar. Cada novo número que sair ficará disponível somente depois que os assinantes da versão impressa já tiverem recebido seus exemplares.

Já baixei o “QI” PDF. Ótima iniciativa. Assim dá pros colecionadores guardarem também em formato digital. Aliás, se você tiver os arquivos de edições antigas do “QI” em formato que seja fácil passar para PDF, seria muito interessante disponibilizá-las na rede. Alguns fanzineiros vêm fazendo isso com zines clássicos. É uma forma de preservar o que não está mais disponível impresso, e possibilitar que novos leitores conheçam. Eu particularmente tenho bastante curiosidade em ver na íntegra as primeiras edições do “QI”. Claro que daria trabalho fazer, mas imagino que muita gente estaria disposta a ajudar, como o Henrique Magalhães está fazendo.

LUIZ CLÁUDIO LOPES FARIA

R. Prof. Bernardino Querido, 1638 – Taubaté – SP – 12070-400

Gostaria de comunicar aos amigos que meu endereço mudou, por motivos pessoais desativei minha caixa postal, meu endereço atual para correspondência é o acima.

JOSÉ AUGUSTO PIRES

R. Dr. Carlos Mascarenhas, 107, 4º Esq - Lisboa - 1070-082 - Portugal

Do ‘Garth’, ainda vai aparecer mais um episódio do género western, onde aparece, para além do General Custer, o Sitting Bull, intitulado ‘Sundance’. A restante parte do ‘Garth’, que como sabe era uma série que incluía a ciência e as viagens no tempo, do pouco que foi publicado em Portugal, eu não disponho. Conto fazer brevemente uma reedição do episódio ‘A Cidade Fantasma’. Tenho de me limitar ao ‘Matt Marriott’ e ao ‘Rob the Rover’. Tenho também em vistas o ‘Terry e os Piratas’, que considero do melhor que alguma vez as Histórias em Quadrinhos apresentaram, não encontro feedback. Tenho tentado também publicar o ‘Capitão Meia-Noite’ (‘Captain Moonlight’ no original) em tiras diárias coloridas por mim num dos nossos jornais diários, mas nem sequer obtive uma resposta, imagine! Estes caras dos jornais são de uma outra geração. Mando-lhe junto uma tira para dar uma olhada. Não me parece má ideia, mas os caras dos jornais não se interessaram.

Estou super concentrado nas séries ‘Matt Marriott’ e ‘Rob the Rover’. Esta última, penso, terminará este ano ainda. O ‘Marriott’ ainda tem mais uns vinte episódios. Depois se verá se ainda poderei durar um pouco mais publicando fanzines. Meus oitenta anos vão fazendo o seu peso. Mas enquanto eu puder mexer um dedo, não vou parar. Parar, mesmo só morto!

Não sei se por cá os jornais se encolheram por acharem a série ‘Capitão Meia-Noite’ algo “demodée”, se por receio de esbarrarem com pagamento de eventuais direitos: a série terminou em 1942, entrando portanto já no domínio público. Se por acaso aí no Brasil houvesse algum periódico interessado na tira colorida, seria supimpa. O preço seria 30 euros por tira, um barato! As tiras seriam enviadas por JPEG, o que facilitaria os custos de reprodução. Tenho todas as tiras prontas para o primeiro mês de publicação. A totalidade da série seria cerca de 512 tiras.

Reproduzo a primeira tira de ‘Capitão Meia-Noite’ na página 3 dessa edição do “QI”, infelizmente sem as cores.

JOSÉ CARLOS DALTOZO

C.P. 117 – Martinópolis – SP – 19500-000

Recebi seu recente fanzine e o suplemento de HQs publicadas pela “Folha de S. Paulo”. Coincidentemente, havia separado para você duas reportagens exatamente da “Folha” sobre heróis dos quadrinhos, que envio nessa oportunidade. Se for possível, gostaria que divulgasse na seção de cartas que sou colecionador de cartões-postais há 28 anos, tendo atualmente mais de 204.000 exemplares do mundo inteiro. E que aceito doações, sei que muitas pessoas viajam, compram postais, mostram aos amigos e parentes e depois guardam no fundo de uma gaveta. Um dia de limpeza, tais postais vão para o lixo. No entanto, se doados a um colecionador, esses postais serão úteis para pesquisas de arquitetura, urbanismo, fotografia, geografia, história, usos e costumes, modo de vida de povos e países, meios de transporte, etc. Podem ser postais novos e usados, de qualquer lugar do mundo. Postais usados são os postais escritos, mas como dizem, “no verso de um postal, sempre tem felicidade”, ninguém usa-os para notícias tristes, para confidências e segredos.

JÚLIO SHIMAMOTO

Estrada Mapuá, 358 – Taquara – Rio de Janeiro – RJ – 22713-321

Muito obrigado pelo “QI” 136 e a suculenta ‘Pequena Biblioteca’ 3, recebidos no último dia 21! Esplêndida a matéria sobre os suplementos da “Folha de S. Paulo”, um excepcional trabalho de pesquisa completadas com resenhas precisas e esclarecedoras.

Gostei muito de ‘Jayme Cortez’ de Carlos Gonçalves, que trouxe detalhes do grande mestre luso que eu desconhecia. José Ruy, segue bastante interessante a continuação sobre “O Mosquito” e “O Papagaio”. Sua ‘Cidade Aberta’ e ‘Origem dos Anéis’ de Dédy e Moretti não ficam atrás. Destaque também para ‘Mantendo Contato’ de Wormey, desta vez orientando autores inéditos.

LUIGI ROCCO

R. Gonçalves Morais, 74 – São Paulo – SP – 03139-020

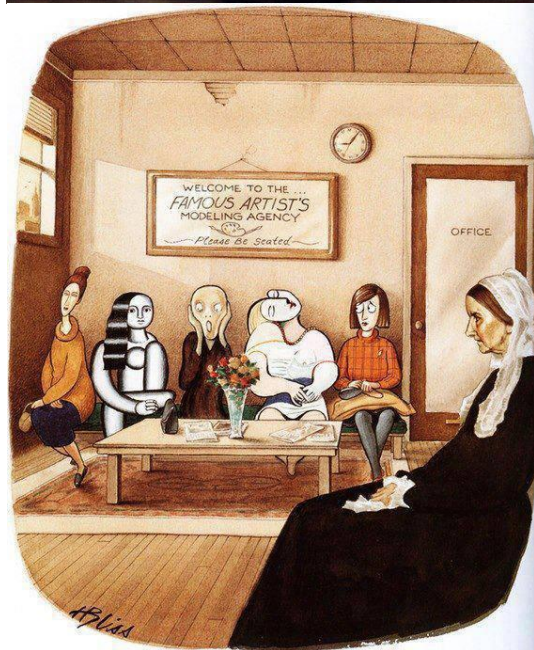
Recebi o “QI” 136. Finalmente saiu a ‘Biblioteca’ com o “Suplemento Quadrinhos”. Ficou sensacional, principalmente as conclusões finais. Só confirmando: o “Especial Sesquicentenário” foi em formato tabloide.

ROBERTO SIMONI

Av. Dr. Altino Arantes, 701/152 – São Paulo – SP – 04042-033

Recebi o novo “QI”, acompanhado de mais um precioso volume da ‘Pequena Biblioteca sobre Histórias em Quadrinhos’. Muito obrigado. E lembre-se, a mãe de James Whistler sempre foi uma velhinha da pá virada.

Roberto enviou as “interpretações” abaixo sobre o famoso quadro de Whistler, que já havia sido “homenageado” no primeiro filme de longa metragem de Mister Bean.

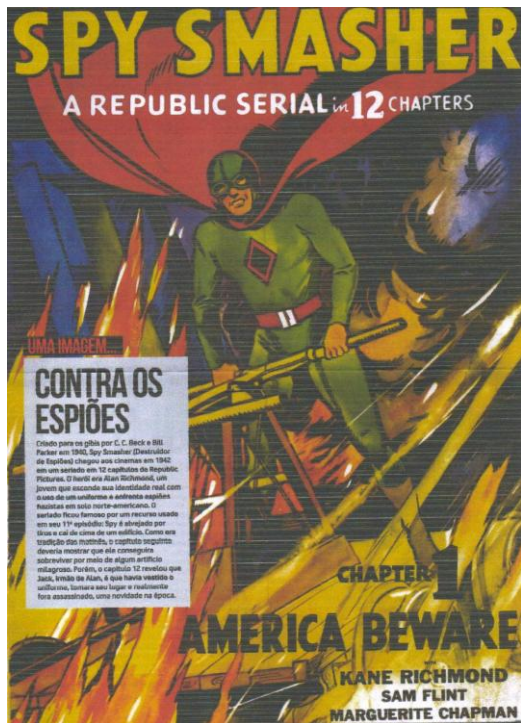


ABELARDO SOUZA

R. Osvaldo Prado, 102 – Mesquita – RJ – 26580-360

Estou lhe enviando xerox de Spy Smasher, publicado pela revista “Nerd”. Este seriado eu não acompanhei na minha meninice.

Abelardo enviou também relação de revistas para venda, com destaque para revistas da Ebal.



O “QI” jamais se atrasa, chega sempre na hora certa. De uma boa leitura. A capa no 136 deixou-me intrigado. O bebê olha para o pinheiro e vê a fita dourada, as bolas coloridas fugindo espantadas. A estrela, também espantada, se remexe querendo dizer alguma coisa. O que será? Por que a evasão? Mistérios ou espere o próximo capítulo. ‘22-2000 – Cidade Aberta’, seriado que me faz uma saudade do prazer de rever Jardel Filho, Cláudio Cavalcante, Fregolente... Não seria ótimo se a TV Globo o reprisasse, integralmente no ‘Vale a Pena Ver de Novo’? Oitenta anos realizados em 4/2/16. Rapaz, uma tonelada nas costas. O Suplemento nº 3 foi o meu presente de aniversário.

FRANCISCO FILARDI

R. Adhemar Bebiano, 257, bl. 3, ap. 306 – Rio de Janeiro – RJ – 21051-071

O que me causa espanto é uma editora publicar uma obra em quadrinhos tão volumosa (o livro “Retalhos” de Craig Thompson, da Quadrinhos da Cia). Nos dias de hoje, é um risco. Imagino que a tiragem tenha sido muito limitada. Craig Thompson tem assunto e, por certo, alguém que gosta muito dele nos meios editoriais!

Recebi o “QI” 136 e o lindo encarte “Suplemento de Quadrinhos da Folha de S. Paulo”. Uma ótima pesquisa! Para mim, que não sou versado na 9ª Arte, uma aula! Dédy Edson e F. Moretti retomam o assunto do “QI” 134 (encarte), sobre a cruz gamada no anel do Fantasma. Quando eu tiver um tempo, farei uma pesquisa aqui. Recebi o quadrinho “O Complô – A História Secreta dos Protocolos dos Sábios de Sião”. É leitura obrigatória para quem aprecia História. Autoria do Will Eisner e introdução do Umberto Eco. Lendo essa obra, passamos a entender, mesmo decorrido um século, muito do que hoje está aí, da política à religião.

CARLOS GONÇALVES

R. Tomás da Anunciação, 171, 3º Dto. - Lisboa - 1350-326 - Portugal

Vou lhe pedir outro favor com as minhas desculpas, como de costume, pelo trabalho que lhe vou dar. Como sabe, agora na ligação que voltei a ter com o Clube Português de Banda Desenhada, começam a contactar comigo pessoas que têm interesse na divulgação da Banda Desenhada portuguesa e em algum dos seus desenhadores. Este ano comemoram-se alguns acontecimentos maus ou bons, mas que à partida há necessidade de os evidenciar. O ano passado as minhas exposições de Banda Desenhada na sede do CPBD foram ‘Historial do Clube Português de Banda Desenhada’ (os 40 anos de existência do CPBD que em junho irão ser comemorados), ‘Os Vinte Anos da Morte de José de Lemos’ e os ‘100 Anos da Criação de Quim e Manecas por Stuart’. Este ano iniciei mais duas exposições, ‘Os 80 Anos da Publicação de O Mosquito’ e ‘Tributo a Eduardo Teixeira Coelho’, mantendo a exposição dos ‘40 Anos da Criação do CPBD’. Ontem na Biblioteca Nacional montamos mais uma exposição dos ‘80 Anos de O Mosquito’. Temos ainda previstas mais exposições: ‘Eça de Queirós na Banda Desenhada’, ‘Alexandre Herculano na Banda Desenhada’, ‘Os 95 Anos da Revista ABCzinho’, ‘Vinte Anos da Morte de Fernando Bento’, etc... Com tudo isto quero dizer que haverá muito mais coisas para fazer e continuar no campo das edições: um livro dedicado a Fernando Bento e outro a Eduardo Teixeira Coelho. Para este último, precisava da sua ajuda... Sei que está à venda ‘A Aia’ de Eduardo Teixeira Coelho no Mercado Livre. Está um pouco mau, mas se não for possível conseguir outro, terá que ser esse, pois a revista “O Mosquito” publicou essa história, mas a impressão não está tão boa, como nas “Aventuras Heróicas”... Entretanto no dia 10 será lançado o livro “Os Doze de Inglaterra” de ETC. Mandando-lhe o convite para ver. Depois diga-me qualquer coisa por favor sobre ‘A Aia’.

Após alguma troca de e-mail, Carlos informou que o editor que planeja o livro sobre Eduardo Teixeira Coelho é o Manuel Caldas, com quem já mantenho contato adquirindo suas publicações. Assim, em contato direto com Manuel, já enviei a ele os arquivos com as 12 páginas de ‘A Aia’, escaneadas diretamente de meu exemplar de “Aventuras Heróicas”. Desta coleção, tenho apenas 3 números, felizmente um deles é o que contém ‘A Aia’. Abaixo, o convite para lançamento do livro “Os Doze de Inglaterra” de Eduardo Teixeira Coelho.



ARTHUR FILHO

R. Espírito Santo, 232/02 – Porto Alegre – RS – 90010-370

Acuso o recebimento do “QI” 136 e do suplemento 3. O “QI” segue muito diversificado e informativo, dando exposição a muitos trabalhos. O “Suplemento Quadrinhos” é de valerosa contribuição à informação, para ser guardado como fonte de pesquisa. Continue firme, como eu escrevi um dia: “Se eu parar de sonhar, me acordem que estou morrendo”.

VALDIR AGOSTINHO DE OLIVEIRA

R. Américo Sugai, 1128 – São Paulo – SP – 08060-380

Venho, depois de muito tempo, entregar as últimas edições – até o momento – de “Vampiros”. Elas já eram para terem sido montadas e distribuídas tempos antes. Como pode perceber, “Vampiros” não é muito regular e traz textos meio datados, muito embora tente selecionar alguns que fiquem atemporais. Novamente fiquei naquela de continuar ou não com ele, enfim, aquela novela toda, depois de mais alguns contratemplos. Mas durante esse ano ao ver as edições montadas e guardadas começou a me incomodar, como se estivesse em dívida. Demorou, mas a oportunidade surgiu agora de copiar e distribuir. Por justiça ao apoio que você me deu nas edições anteriores, divulgando-as, copiei e estou distribuindo para alguns correspondentes, pelo menos para aqueles que já acompanhavam o fanzine há bastante tempo e sempre deram apoio. Tenho intenção de lançar uma nova edição no ano que vem, já até estou montando, inclusive, mas não criarei expectativas em continuar com ele. Vou naquela toada: sairá quando for a hora. Não estou cobrando nada pelas edições, só o envio de dois selos de primeiro porte (o que acaba sendo uma cobrança, de certa forma). Bem, vou encerrando essa breve carta aproveitando o ensejo para lhe desejar um Natal tranquilo e sereno, dentro do verdadeiro espírito original, muitas vezes soterrado pelo marketing. Que seja sempre um tempo de renovação. Muitas pessoas já não veem desta forma, porque também já foram soterradas por sentimentos pesados e negativos, mas, enfim... Cada um tem seus motivos. Que o próximo ano seja repleto de alegrias e realizações, verdadeiramente próspero em todos os sentidos, apesar das crises sociais, políticas e mundiais que flutuam sobre nós.

JOSÉ MAGNANO

R. Jerônimo Ribeiro, 117 - Cachoeira de Itapemirim - ES - 29304-637

Recebi o “QI” 136 que como sempre está ótimo. Muito bom. Gostei demais. Recebi também a ‘Pequena Biblioteca sobre Histórias em Quadrinhos’, que fala sobre o “Suplemento Quadrinhos” da “Folha de S. Paulo”. Gostei muito. Trabalho de Hércules. Sobre o tema Suplementos, eu e o E. Figueiredo estamos também pesquisando a respeito.

ALEX SAMPAIO

P. São Braz, conj.02, bl.D, ap.03 – Salvador – BA – 40235-430

Em mãos o nosso “QI” 136, um fanzine que sempre nos proporciona momentos de alegria e grandes recordações. O encarte da “Pequena Biblioteca”, por si só, já vale a assinatura. Um trabalho que deve ter sido muito cansativo para realizar. Muitas pesquisas, muitas dúvidas e muitas emoções.

Em 2015 o nosso mercado de quadrinhos deu uma guinada, principalmente nos nichos segmentados. Livrarias e lojas especializadas abriram as portas para as HQs e nisso o mercado cresceu consideravelmente. Percebi uma multiplicação de publicações, mesmo com uma crise crescente, num mercado com grande refluxo editorial, enfrentando crise econômica e sofrendo com as políticas monetárias. Ainda há um longo caminho a ser percorrido. É preciso que esse mercado se consolide. Buscar ampliar o público leitor. É preciso que as editoras realmente invistam em quadrinhos, estimulando o colecionador, com eventos, feiras e festivais. É fundamental que as histórias produzidas no Brasil adquiram outro patamar, subam de qualidade, tragam mais profundidade. Nos principais mercados mundiais de quadrinhos, as publicações de gênero respondem pela maior parcela de consumo, fazendo com que o quadrinho gire em torno desse núcleo. No Brasil isso não acontece mais. Hoje, não temos mais revistas de consumo, tipo aventura, terror, policial. Lamentável! Enfim, se não partirmos para produção de algo profissional, a tendência é manter um mercado estagnado e sem rumo. O caos em que as HQs no Brasil chegou, é preciso partir para produção de histórias ricas e de conteúdo, com qualidade tanto do artista quanto da produção editorial.

ALVIMAR PIRES DOS ANJOS

R. S. Miguel Arcanjo, 346 – Campinas – SP – 13040-680

No “QI” 134 aparece à página 31 uma foto curiosa. Se você conferir no “Gilvath” nº 1, pág. 30, verificará nos quadros 4 e 6, três daqueles senhores: o Sérgio Martins, o Adirson e o Federighi, numa homenagem feita à época. Também pode conferir na pág. 23, quadros 3 e 4 os três referidos colecionadores.

Abaixo, a foto publicada em “QI” 134 e dois quadros de “Gilvath” nº 1.



LIO GUERRA BOCORNY

R. Jerônimo V. das Chagas, 55/104 – Florianópolis – SC – 88063-660

“QI” 136 constitui 28 preciosas páginas, não contando com as 54 do “Suplemento Quadrinhos da Folha de S. Paulo”, que, como diria Aizen, são supimpas! Enalteço o belo trabalho ‘22-2000 – Cidade Aberta’, que me fez lembrar duas nostálgicas publicações da RGE: “X-9” e “Meia-Noite”. Meu pai, que era policial (dos bons e do bem) assinava as duas revistas, ambas dos anos 40, a primeira do início da década e a outra do último ano da década. As últimas páginas das revistas eram em quadrinhos e eu as recordo com saudades.

Quanto às revistas “Jacto”, graças a sua informação, já recebi os nºs 20, 24 e 25, faltando-me, para a sequência dos 59 primeiros números apenas os nºs 4, 11, 13, 18, 19, 35, 56 e 57, os quais espero encontrar. Ignorava que esta revista portuguesa de tanta qualidade fosse terminar em 78 exemplares. Procurarei encontrar a numeração de 60 até o fim, pois pela excelência tanto dos quadrinhos como das variedades merecem ser guardadas. As ofertas atuais do mercado lusitano não são atrativas, pois os valores pedidos em euros são altos demais para a nossa triste realidade, assim, vamos aguardar uma maré favorável.

APARÍCIO MANOEL CRUZ

C.P. 102 – Agência Central – Criciúma – SC – 88801-970

Recebi com imensa satisfação o teu excelente exemplar do fanzine “QI” 136. Gostei demais. Parabéns por este magnífico trabalho editorial. Continue sempre! Excelente também o encarte sobre o “Suplemento Quadrinhos” da “Folha de S. Paulo”. Recebi do Diamantino da Silva 8 exemplares do fanzine dele, “Mocinhos & Bandidos” e uma edição especial, “Tarzan – O Mito da Liberdade”, editado em 1998. Ótimo.

ANTONIO ARMANDO AMARO

R. Haia, 185 – Penha – São Paulo – SP – 03734-130

Finalmente recebido o “QI” 136. E começo, como sempre, comentando em primeiro lugar os teus artigos e, para “variar”, como sempre, ótimos. Gostei muito do artigo ‘22-2000 Cidade Aberta’, revista desenhada pelo mestre Edmundo Rodrigues, que é um capista que admiro demais. É outro desenhista que fez de tudo em matéria de Quadrinhos. O homem era genial. A maioria dos leitores só o conhece pelo trabalho do herói Jerônimo, mas ele fez trabalhos fantásticos no gênero terror, faroeste, aventuras e até temas infantis e de guerra. Tive o prazer de me corresponder com ele na década de 1980, ele tinha desenhado até uma aventura do Mandrake para a Rio Gráfica (linda, por sinal). E ele me escreveu se eu tinha essa revista desenhada por ele, pois ele não a tinha e pedia se eu podia lhe mandar uma xerox. Eu lhe mandei a xerox e tive a oportunidade de lhe dizer da minha admiração por ele e seu trabalho. Estou te mandando 2 xerox desenhados por ele, no caso, ‘Raimundo, o Boiadeiro’, que foi desenhado em 1956. Essa aventura saiu no “Almanaque de Campeões do Oeste” de 1957. É o Jerônimo em trajes bem mais “vaqueiro ou boiadeiro” do nordeste brasileiro, que eu admirava demais. Parecido com ‘Raimundo, o Cangaceiro’, também da década de 1950, que é o herói que eu mais admiro. Outro artigo que também gostei muito foi ‘Jayme Cortez, Um Artista Português que o Brasil Ganhou’. Falar do meu ídolo é sempre uma alegria. Eu infelizmente não o conheci pessoalmente, mas tenho uma dedicatória enviada por ele que eu guardo com carinho. Tenho desenhos de capas de revistas desenhadas por ele, o maior capista do Brasil, e eu diria até do mundo, logo te mando algumas xerox. Estou te mandando mais um desenho do Gui Amaro e xerox (da matéria) ‘Maurício de Sousa Completa 80 Anos’, que foi publicada no jornal “Gazeta Penhense”.



ALMANAQUE DE CAMPEÕES DO OESTE — 1957

Ilustração de Edmundo Rodrigues



Ilustração de Guilherme Amaro

PAULO RICARDO KOBIELSKI

R. Carlos Gomes, 961 – B. Tupã – Alvorada – RS – 94824-380

Parabéns por seu abnegado trabalho em prol das HQs e dos fanzines. A ‘Pequena Biblioteca sobre Histórias em Quadrinhos’ está cada vez melhor. Material riquíssimo. Você é a nossa grande referência. Uma verdadeira enciclopédia viva dos gibis. Não desista, precisamos de pessoas como você nesse país de tantas contradições.

Estou lhe enviando, para sua avaliação, o meu primeiro fanzine de verdade (é um laboratório). O foco principal, inclusive a capa, trata das HQs produzidas pela dupla Lucchetti e Rosso. E você fez um belo trabalho nesse sentido, editando a Coleção “Lucchetti & Rosso”, 312 páginas. Eu sei que cheguei atrasado, mas seria possível ainda adquirir esse material valioso? Seria de grande importância para a minha pesquisa.

O livro “Lucchetti & Rosso” foi feito, na época, apenas para impressão sob pedido, por isso não havia exemplares sobrando. E também não tenho arquivo digital com o material, pois os originais foram feitos na base do ‘corta e cola’ no papel.

RICARDO ALEXANDRE

R. São Domingos, 1065 – Andradina – SP – 16901-420

Obrigado por ter nos presenteado com uma entrevista com o grande Jayme Cortez. Fiquei surpreso ao saber que o prêmio com o mesmo nome havia sido criado quando ele ainda era vivo. Segue aí o CD-Rom com o segundo episódio de “Another World” e só lembrando que quem quiser conhecer mais trabalhos meus podem acessar o blog www.ricalexhq.wordpress.com.

ALEXANDRE YUDENITSCH

C.P. 613 – São Paulo – SP – 01031-970

Recebi o “QI” 136, obrigado! Não se preocupe, nesta época do ano um pequeno atraso é até um alívio (se chegasse no fim de dezembro, talvez até ficasse esquecido num canto!).

Mais uma ‘Edição Monumental’ do “QI”, considerando o ‘Anexão’, com o vol. 3 da ‘Pequena Biblioteca sobre HQs’ (e não da ‘Pequena Biblioteca de HQs’: é preciso muita atenção para evitar falar bobagem...); mais uma vez, um trabalho bibliográfico de fôlego (e MUUUITO saco!), que poderá ser muito útil para estudiosos do assunto. Não houve muita análise sobre o conteúdo das HQs bibliografadas, mas imagino que isso não era seu objetivo.

O ‘Fórum’ continua, como sempre, bem variado e interessante (e uma curiosidade: aparecem cartas minhas e do Cesar Silva, com quem devo almoçar ainda hoje), e é parte do “QI” que sempre leio primeiro.

MARCOS FABIANO LOPES

Av. Suarões, 2181 – Itanhaém – SP – 11740-000

Lançamento do zine “Super-Heróis” nº 2 em homenagem aos heróis brucacos dos anos 90. Publicação independente com tiragem limitada numerada de 150 edições. Espero que curta o fanzine! Recebi os “QI”s 135 e 136, muito bom o texto do Homem Fera, aliás, estou produzindo a ilustração do Homem Força, te envio brevemente.

SÉRGIO LUIZ FRANQUE

R. Cezar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540

Você está de parabéns pelas matérias do “QI” 136, entrevista com Jayme Cortez, umas pinceladas sobre ‘22-2000 – Cidade Aberta’, ‘Mantendo Contato’ do Worney, ‘Edições Independentes’ recheadas de novas publicações, ‘Poeta Vital’ e ‘Fórum’, onde nós, leitores, trocamos ideias a respeito de várias coisas referentes às HQs. E o maravilhoso 3º volume com o Suplemento da “Folha de S. Paulo”, quantas informações precisas... um trabalho digno de prêmios.

JOSÉ RUY

Praceta de São Braz, nº 3, piso 5 – Amadora – 2700-799 – Portugal

Recebi a sua gentil oferta do “Suplemento Quadrinhos da Folha de S. Paulo” nº 3 e do nº 136 do “QI” com a nossa (do Carlos Gonçalves e minha) colaboração. Parabéns pelo trabalho e disponha. Lembre-me se fiquei de enviar-lhe alguma coisa. No princípio de janeiro estive na Ilha do Corvo, a mais pequena e isolada do Arquipélago de Açores, entre duas tempestades, para colher elementos para uma nova história, de que lhe darei conhecimento em breve.



Página recente de José Ruy para o álbum “Carolina Beatriz Ângelo, Pioneira na Cirurgia e no Voto”.

Divulgação do “QI” 136 feita por ILMA FONTES no jornal: “O Capital” nº 260 (fev/2016)

Edgard Guimarães, editor do “QI” – Quadrinhos Inteligentes, publicação fundamental para o circuito alternativo de zines, lançou a terceira edição de ‘Pequena Biblioteca sobre HQ’ sobre o Suplemento de Quadrinhos da “Folha de S. Paulo”. Excelente, Incrível, Fantástico... ainda é pouco para traduzir o trabalho desse mineiro de Brazópolis.

JOSÉ SALLES

C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970

Conversei com o José Menezes e perguntei a respeito do ‘Kim’ e do ‘Águia Branca’, e ele me passou as seguintes informações:

Algum tempo depois da RGE ter desativado o estúdio de produção de revistas em Quadrinhos, Menezes viu um anúncio de jornal procurando por desenhistas de HQs. Ele foi até o endereço e se tratava da Editora Carneiro Bastos (ECAB), então dirigida pela senhora Ivone Amorim, que disse ao Menezes estar precisando de histórias de aventuras para serem publicadas no formato de tira de jornal. Menezes então lembrou-se que havia várias HQs do Flecha Ligeira e do Jim das Selvas feitas para a RGE e que não haviam sido utilizadas. Então ele adaptou aquelas histórias, originalmente feitas para o formato de comics, para o de tiras de jornal. Também os personagens deveriam ser modificados, por conta dos problemas de direitos autorais. Menezes então colocou um bigode no Jim das Selvas e, lembrando de um personagem de Rudyard Kipling, rebatizou-o de Kim. Kolu também mudou de nome para Janu. Já o Flecha Ligeira, além de ser rebatizado como Águia Branca, teve alguns retoques no visual, menos tatuagens e enfeites, e roupa mais simples. Menezes me confirmou que aquela HQ do Flecha Ligeira publicada no terceiro número de “O Bom & Velho Faroeste” da Júpiter 2 jamais foi adaptada para as tiras do Águia Branca, e permanecia mesmo inédita até que foi publicada pela Júpiter 2. ‘Kim’ e ‘Águia Branca’ acabaram sendo publicados em diversos jornais de várias cidades de norte a sul do Brasil, com boa aceitação dos leitores. Ainda para a ECAB, Menezes fez muitos outros trabalhos como atividades, passatempos, curiosidades, charadas, num caderno de jornal chamado ‘Divertilândia’.

Divulgação do “QI” 136 feita por CESAR SILVA em seu blog: <http://mensagensdohiperespaço.blogspot.com>

Está circulando o número 136 do fanzine “Quadrinhos Independentes – QI”, editado por Edgard Guimarães, dedicado ao estudo das Histórias em Quadrinhos, destacando-se a produção independente e os fanzines brasileiros.

Esta edição vem com 28 páginas e traz uma entrevista com o saudoso ilustrador Jayme Cortez, um pequeno artigo sobre os anéis do Fantasma, depoimento de José Ruy sobre o periódico português ‘O Papagaio’, um texto sobre a raríssima revista “22-2000 – Cidade Aberta” – ilustrada por Edmundo Rodrigues –, quadrinhos de Luiz Cláudio Lopes Faria, Chagas Lima e do próprio editor, além das seções ‘Fórum’, ‘Mantendo Contato’ e o catálogo ‘Edições Independentes’ com os lançamentos do bimestre. A capa, como tem sido praxe nos últimos anos, tem uma ilustração de Guimarães colorizada manualmente.

Junto ao “QI”, os assinantes receberam o volume 3 da ‘Pequena Biblioteca sobre Histórias em Quadrinhos’, subtítulo “Suplemento Quadrinhos da Folha de S. Paulo”. Este fanzine de 56 páginas traz um cuidadoso e detalhado estudo sobre este conhecido semanário, publicado entre 1972 e 1977, onde desfilaram uma mancha de personagens nacionais e estrangeiros, muitos deles nunca vistos em outra publicação. O “QI” é distribuído exclusivamente por assinaturas e não tem versão digital.

Divulgação do “QI” 136 feita por CARLOS RICO no blog: <http://bloguedbd.blogspot.pt>

Edgard Guimarães, coordenador do fanzine “QI” (“Quadrinhos Independentes”), apresenta-nos, mais uma vez, um número recheado de interesse, com muitas colaborações e onde se inclui um artigo de José Ruy (transcrito do BDBD, sobre os jornais “O Mosquito” e “O Papagaio”) e outro de Carlos Gonçalves intitulado ‘Jayme Cortez – Um Artista Português que o Brasil Ganhou’. Em paralelo, foi lançado o nº 3 da coleção ‘Pequena Biblioteca sobre Histórias em Quadrinhos’, excelente encarte com boa apresentação e informação vasta sobre o “Suplemento Quadrinhos da Folha de S. Paulo”.

MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

ENTREVISTA COM EUGENIO COLONNESE

Entrevista para **Worney Almeida de Souza (WAZ)** em maio de 2002 com a presença de **Oswaldo Talo**.
1ª PARTE

Worney: Como surgiu a Mirza?

Colonnese: Numa tarde, no estúdio D-Arte, meu e de Rodolfo Zalla, apareceu o Zelão (José Sidekerskis) da editora Jotaesse. Era o final do expediente, devia ser no verão, descemos para a lanchonete no térreo de nosso prédio, que ficava na rua Beneficência Portuguesa, uma travessa da Avenida Ipiranga (na cidade de São Paulo), nós compramos o espaço. Eu e o Zelão éramos adeptos de uma boa caipirinha e ele pediu que eu criasse uma mulher vampira, no dia seguinte surgiu a Mirza. O Zelão adorou e logo saiu a revista.

Worney: Porquê do nome?

Colonnese: O nome foi uma variação de Mylar. Não parecia o nome de uma mulher, tanto que resolvi acrescentar no título 'A Mulher Vampira', para acentuar mais. Hoje se você pesquisar na lista telefônica vai encontrar várias Mirzas, mas naquele tempo não existia. Já o Morto do Pântano surgiu para ser uma contraposição entre a bela e a fera na mesma revista (os dois personagens eram publicados na mesma revista).

Worney: Na primeira história, a personagem tinha uma roupa mais recatada, mais comprida...

Colonnese: Naquela época existia muita censura, mas o pessoal pedia para mostrar os joelhos e era um sucesso.

Worney: Como foi a ideia da personagem ser uma condessa, era uma tentativa de associá-la ao Conde Drácula?

Colonnese: A única diretiva que eu tinha com os roteiros era que ela deveria ser sexy. Ela foi desenvolvida conforme foi sendo desenhada. No começo, não estava definido, mas depois direcionei o argumento para ela ser uma espécie de justiceira, ela geralmente atacava gente perversa e maldosa. Ela atuava em festas e eventos da alta sociedade.

Worney: Como foi a elaboração da primeira história de Mirza?

Colonnese: Não tinha muita elaboração, você começava a desenhar e tinha que sair uma história inteira.



Worney: Foi você que criou o logotipo?

Colonnese: Sim, apesar de não gostar de fazer letras. O desenho do morceguinho também é meu.

Worney: Na primeira fase, na editora Jotaesse, o roteirista era Luis Meri (Luis Quevedo)...

Colonnese: No estúdio D-Arte, Luis Meri era nosso letrista, cuidava de todas as minhas páginas e do Rodolfo Zalla, e como ele sempre estava no estúdio, eu pedi para que ele escrevesse alguns roteiros. Nós tínhamos tanta produção e o trabalho dele era bem vindo. Ele também ganhava como roteirista. Ele era meio maluco, colocava temas bem fortes, como a festa das lésbicas.

Worney: Você dava algumas dicas para ele escrever o roteiro?

Colonnese: Sim, ele escrevia de acordo com a nossa conversa e com o número de páginas estipulado. Se você pedia dez páginas, ele escrevia dez páginas. Algumas vezes, se o roteiro permitia, eu esticava a história.

Worney: Para a época (1967), a personagem era bem violenta. A revista da editora Jotaesse durou dez números, devia vender muito bem...

Colonese: O Zelão imprimia 35 mil exemplares e sobrava pouco mais de mil exemplares de encalhe. Nós não tínhamos mídia e era uma pequena editora da Mooca...

Worney: E como era a repercussão entre os leitores?

Colonese: Eles escreviam muitas cartas e até hoje o pessoal se lembra da personagem.

Worney: Saíram dez números da revista da Mirza pela editora Jotaesse, com dez histórias da personagem, entre 1967 e 1968, por que deixou de ser publicada?

Colonese: No final de 1968, encontrei o Rodolfo Zalla na Praça da Sé. Ele carregando sua malinha e eu com uma pasta de originais. Ele me disse: – Eugenio, tenho uma proposta para a gente fazer livros didáticos. Eu respondi que não sabia fazer livros didáticos, tinha nascido para desenhar histórias em quadrinhos. Ele respondeu que um desenho de uma cenoura para um livro pagava o mesmo valor que cinco páginas de quadrinhos. Então nós dois paramos de fazer quadrinhos e fomos para os livros didáticos. Na época, eu fazia sozinho cinco ou seis revistas por mês, o Zalla outro tanto. Nós entregávamos entre 250 e 300 páginas por vez. Era isso que o editor queria. Depois que deixamos de produzir, acabou! Não é arrogância minha. Tirou-se mais de dez revistas das bancas, sem o nosso trabalho. Jayme Cortez e a turma produzia seis páginas em seis meses de trabalho. Nós viemos da Argentina e compramos o estúdio e eu comprei minha casa fazendo histórias em quadrinhos. E se fala da crise dos quadrinhos... Nós começamos a trabalhar para a editora Ibepe e ganhamos muito dinheiro.

Worney: Em 1968 você foi para os livros didáticos e por isso que a revista de Mirza parou de ser publicada?

Colonese: Claro, eu não tinha mais tempo para desenhar quadrinhos. O Zelão também começou a prestar serviço com sua gráfica para a editora Ática e parou de publicar revistas. Então, cada um seguiu seu caminho.

Worney: Você chegou a pensar em continuar com a revista com outro desenhista?

Colonese: Não. E como era uma personagem minha...

Worney: Como foi seu trabalho nos anos 70?

Colonese: Depois eu fui trabalhar para a editora Ática e para a Saraiva, sempre fazendo ilustração para livros didáticos.

Worney: Em 1973, a editora Regiart republicou algumas histórias de Mirza, você autorizou?

Colonese: Não autorizei, foi tudo pirataria. Nunca recebi um tostão, aliás, o único que pagou direito foi o Zalla.

Worney: Nos anos 60, a Mirza era bem rechonchuda, pernas grossas, você fazia essa figura porque era o estilo da época ou porque você gostava desse tipo de mulher?

Colonese: Porque eu gostava. Mas a Mirza atual é fofinha, ela é carne.



Capa de “Mirza” n° 2 da editora Jotaesse

Worney: Você se inspirou em alguém para criar a Mirza?

Colonese: Foi um pouco de inspiração de cada lugar e um ideal de mulher.

Worney: Em 1981, você resolveu voltar a fazer quadrinhos?

Colonese: Na época, eu estava fazendo alguns trabalhos para a Ebal do Rio de Janeiro e fui visitar a editora Vecchi, que tinha como editor Otacílio D’Assunção, e ele me apresentou o roteiro da HQ ‘De Volta ao Mundo do Terror’ (roteiros de Basílio de Almeida). Eu adorei. E então para matar a saudade eu desenhei essa história e mais duas da ‘Angélica, a Filha de Satã’.

Worney: Um ano depois o Rodolfo Zalla criou a editora D-Arte e você voltou a desenhar Mirza?

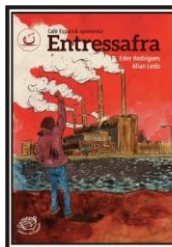
Colonese: Ele começou a republicar material da década de 60 e algumas história minhas, pagando os direitos.

Worney: Nesse período a personagem mudou. Por quê?

Colonese: Você tem que acompanhar a mudança dos tempos. Meu traço também mudou e comecei a usar bico de pena. E é preciso modificar, senão ficaria muito chato.

WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

EDIÇÕES INDEPENDENTES



ENTRESSAFRA

Eden Rodrigues e Allan Ledo
Marca de Fantasia
Café Espacial apresenta, 2
80p. 14x20cm.

www.marcadefantasia.com



A MUTAÇÃO RADICAL DOS FANZINES

Henrique Magalhães
Marca de Fantasia
85p. Digital.

www.marcadefantasia.com



GAVIÃO LUNAR 1

**ESTREIA DO GAVIÃO.
TUDO COLOR, R\$ 5,00
CHAGAS LIMA**

**RUA MIRIAN COELI, 1737,
LAGOA NOVA, NATAL/RN
59054-440 - QUADRINHOS**



QUADRINHOTECA 1

**28 PAGS SUPERCOLORIDAS
R\$ 5,00 - LANÇAMENTO
CHAGAS LIMA**

**RUA MIRIAN COELI, 1737,
LAGOA NOVA, NATAL/RN
59054-440 - QUADRINHOS**



GAVIÃO LUNAR 2

**AÇÃO E AVENTURA!!!!
TUDO COLOR, R\$ 5,00
CHAGAS LIMA**

**RUA MIRIAN COELI, 1737,
LAGOA NOVA, NATAL/RN
59054-440 - QUADRINHOS**



ICFIRE 132

**E ARQUEIRO ALFA.
TUDO COLOR, R\$ 4,00
CHAGAS LIMA**

**RUA MIRIAN COELI, 1737,
LAGOA NOVA, NATAL/RN
59054-440 - QUADRINHOS**



ICFIRE NATAL

**E PAPAÍ NOEL. 20 PÁGS.
TUDO COLOR, R\$ 4,00
CHAGAS LIMA**

**RUA MIRIAN COELI, 1737,
LAGOA NOVA, NATAL/RN
59054-440 - QUADRINHOS**

QUADRINHOS

AFROINDI * fanzine do Instituto Federal Fluminense, campus Macaé * out/2014 * 12 pág. * A5 * capa color. * **Alberto de Souza** – R. Carlos Chagas Filho, 426, casa 1 – Enseada – Rio das Ostras – RJ – 28890-000.

ALICE, A CHEFE * 2015 * 4 pág. * A5 * **Stephanny S. N.** – stephannynobre@hotmail.com.

ANOTHER WORLD * CD gratuito com a 2ª edição de "Another World" * 2016 * 32 pág. * capa color. * **Ricardo Alexandre** – R. São Domingos, 1065 – B. Piscina – Andradina – SP – 16901-420.

BENJAMIN PEPPE * nº 3 * jan/2016 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 + porte * **Paulo Miguel dos Anjos** – Pr. Francisco de Santiago, 60 – São Paulo – SP – 02514-070.

BRUSQUE ONTEM * vol. XVI * jan/2016 * 24 pág. * A5 * color. * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CALAFRIO * nº 53 * nov/2015 * 54 pág. * 215x280mm * capa color. * R\$ 15,00 + porte * **Fábio Chibilski** – R. Jorge Holzmann, 555 – V. Oficinas – Ponta Grossa – PR – 84043-015.

CARTUM * nº 100 * dez/2015 * 32 pág. * A5 * color. * R\$ 90,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CASEY RUGGLES * tiras diárias e páginas dominicais de Warren Tufts, em espanhol * nº 1 * abr/2015 * 82 pág. * 315x230mm * color. * 18,50 euros + porte internacional * **Manuel Caldas** – mcaldas59@sapo.pt.

CASTELO DE RECORDAÇÕES - Fora de Série

* dedicado a Adolfo Aizen * nº 3 * abr/2016 * 12 pág. * A4 * **José Magnago** - R. Jerônimo Ribeiro, 117 - B. Amarelo - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-450.

COLETIVO ZINE * nº 3 * out/2015 * 80 pág. * A5 *

Wagner Teixeira - R. Pedro Américo, 166, Bl. B, ap. 1009 - Catete - Rio de Janeiro - RJ - 22211-200.

A CURA * nº 12 * jan/2016 * 12 pág. * A5 * **José João de Arruda Filho** - R. Caranguejo, 249 - Eldorado - Diadema - SP - 09970-100.

DEVORADORES DE GIBIS * nº 23 * abr/2016 * 12 pág. * A4 * **José Magnago** - R. Jerônimo Ribeiro, 117 - B. Amarelo - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-450.

FANDAVENTURAS ESPECIAL * *Rob the Rover em inglês* * nº 20 * 2015 * 78 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * **José Pires** - gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * *Série Matt Marriott* * nº 39 * 2015 * 44 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * **José Pires** - gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * *Série Garth* * 2015 * 50 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * **José Pires** - gussy.pires@sapo.pt.

GAVIÃO LUNAR * nº 1 * jan/2015 * 24 pág. * A5 * color. * R\$ 5,00 * **Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN - 59054-440.

GAVIÃO LUNAR * nº 2 * mar/2015 * 20 pág. * A5 * color. * R\$ 5,00 * **Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN - 59054-440.

GIBI DE FAROESTE * nº 2 * dez/2015 * 60 pág. * 180x260mm * **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

ICFIRE * nº 132 * dez/2015 * 16 pág. * A5 * color. * R\$ 4,00 * **Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN - 59054-440.

ICFIRE - Edição Especial de Natal * dez/2015 * 20 pág. * A5 * color. * R\$ 4,00 * **Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN - 59054-440.

JORNAL GRAPHIQ * nº 100 * mar/2016 * 12 pág. * 280x320mm * capa color. * R\$ 4,00 * **Mário Latino** - C.P. 153 - Suzano - SP - 08675-970.

OS MERDINHAS * edição bônus incluída no CD gratuito com a 2ª edição de "Another World" * nº 2 * 2016 * 6 pág. * **Ricardo Alexandre** - R. São Domingos, 1065 - B. Piscina - Andradina - SP - 16901-420.

MESTRES DO TERROR * nº 63 * nov/2015 * 54 pág. * 215x280mm * capa color. * R\$ 15,00 + porte * **Fábio Chibilski** - R. Jorge Holzmann, 555 - V. Oficinas - Ponta Grossa - PR - 84043-015.

MINHA PEQUENA INFÂNCIA * 2015 * 8 pág. * A5 * **Alexia Cadette** - alessandraccadette@gmail.com.

MINI MENS * nº 1 * jan/2016 * 16 pág. * A7 * **Assis Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN - 59054-440.

MOCINHOS & BANDIDOS * nº 117 * mar/2016 * 44 pág. * A4 * capa color. * R\$ 59,00 (ass. 4 n's) * **Diamantino da Silva** - R. Prof. José Horacio M. Teixeira, 538, B.4, ap.54 - São Paulo - SP - 05640-903.

MUNDO GIBI * nº 1 * fev/2016 * 20 pág. * A5 * **Paulo Ricardo Kobielski** - R. Carlos Gomes, 961 - B. Tupã - Alvorada - RS - 94824-380 - pr.kobielski@hotmail.com.

PAPAI CHUCK NORRIS * *Daniela Maura e Marcelo Dolabella* * 2016 * 44 pág. * 170x260mm * R\$ 10,00 + porte * **Marcelo Dolabella** - R. Anapurus, 32; casa 1 - São Gabriel - Belo Horizonte - MG - 31980-210 - khneira@gmail.com.

PEIBÊ * *fanzine do Instituto Federal Fluminense, campus Macaé* * nº 1 * out/2013 * 12 pág. * A5 * capa color. * **Alberto de Souza** - R. Carlos Chagas Filho, 426, casa 1 - Enseada - Rio das Ostras - RJ - 28890-000.

PEIBÊ * *fanzine do Instituto Federal Fluminense, campus Macaé* * nº 2 * dez/2013 * 12 pág. * A5 * capa color. * **Alberto de Souza** - R. Carlos Chagas Filho, 426, casa 1 - Enseada - Rio das Ostras - RJ - 28890-000.

PEIBÊ * *fanzine do Instituto Federal Fluminense, campus Macaé* * nº 3 * jan/2015 * 24 pág. * A5 * capa color. * **Alberto de Souza** - R. Carlos Chagas Filho, 426, casa 1 - Enseada - Rio das Ostras - RJ - 28890-000.

PEIBÊ * *fanzine do Instituto Federal Fluminense, campus Macaé* * nº 4 * jan/2016 * 36 pág. * A5 * capa color. * **Alberto de Souza** - R. Carlos Chagas Filho, 426, casa 1 - Enseada - Rio das Ostras - RJ - 28890-000.

PURE FRUIT * nº 10 * 2015 * 68 pág. * A5 * color. * a/c **Gerd Bonau** - Berliner Strabe 9 - Rendsburg - 24768 - Alemanha.

QUADRINHOTECA * nº 1 * dez/2015 * 28 pág. * A5 * color. * R\$ 5,00 * **Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN - 59054-440.

QUADRO NEGRO * nº 45 * jan/2016 * 16 pág. * A5 * R\$ 2,00 * **Assis Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN - 59054-440.

SAFIRA * 2015 * 8 pág. * A5 * **Lucan Henrique** - lucandrummer@gmail.com.

SUPER HERÓIS * nº 2 * jan/2016 * 24 pág. * A6 * color. * **Marcos Fabiano Lopes** - Av. Suarão, 2181 - Nova Itanhaém - Itanhaém - SP - 11740-000 - marcosfabianolopes@hotmail.com.

TANGRAM * nº 3 * abr/2015 * 28 pág. * 155x230mm * capa color. * R\$ 5,00 * a/c **Douglas Utescher** - C.P. 777 - São Paulo - SP - 01031-970 - www.ugrapress.com.br.

TARZAN - O Gladiador * *álbum de Brocal Remohi* * 2016 * 52 pág. * 225x315mm * color. * R\$ 80,00 mais porte * **Lirio Comics** - R. Pedro Kurowsky, 250 - São Bento do Sul - SC - 89290-000 - liriocomics@gmail.com.

TARZAN - O Ouro dos Deuses * *álbum de Brocal Remohi* * 2016 * 52 pág. * 225x315mm * color. * R\$ 80,00 mais porte * **Lirio Comics** - R. Pedro Kurowsky, 250 - São Bento do Sul - SC - 89290-000 - liriocomics@gmail.com.

TARZAN - O Dragão de Fogo * *álbum de Brocal Remohi* * 2016 * 52 pág. * 225x315mm * color. * R\$ 80,00 mais porte * **Lirio Comics** - R. Pedro Kurowsky, 250 - São Bento do Sul - SC - 89290-000 - liriocomics@gmail.com.

TARZAN NA SELVA - Burne Horgarth * 2016 * 144 pág. * 225x315mm * color. * capa dura * R\$ 220,00 mais porte * **Lirio Comics** - R. Pedro Kurowsky, 250 - São Bento do Sul - SC - 89290-000 - liriocomics@gmail.com.

TARZAN * *tiras diárias de Russ Manning, em espanhol* * nº 1 * mai/2014 * 84 pág. * 315x230mm * capa color. * 18.50 euros + porte internacional * **Manuel Caldas** - mcaldas59@sapo.pt.

TARZAN * *tiras diárias de Russ Manning, em espanhol* * nº 2 * abr/2015 * 84 pág. * 315x230mm * capa color. * 18.50 euros + porte internacional * **Manuel Caldas** - mcaldas59@sapo.pt.

TARZAN * *páginas dominicais de Russ Manning, em espanhol* * nº 1 * set/2014 * 66 pág. * 315x230mm * color. * 18.50 euros + porte internacional * **Manuel Caldas** - mcaldas59@sapo.pt.

YOM * nº 1 * jan/2016 * 16 pág. * 105x297mm * R\$ 2,00 * **Assis Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN - 59054-440.

FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

JUVENATRIX * nº 175 * jan/2016 * 11 pág. * arquivo pdf
via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

JUVENATRIX * nº 176 * fev/2016 * 13 pág. * arquivo pdf
via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

OUTROS ASSUNTOS

O CAPITAL * nº 259 * jan/2016 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

O CAPITAL * nº 260 * fev/2016 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

FILMES ANTIGOS * nº 1 * jan/2016 * 36 pág. * 180x260mm * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

LITERATURA, POESIA e MÚSICA

O BOÊMIO * nº 308 * **Eduardo Waack** – R. Benedito Aleixo do Nascimento, 219 – Matão – SP – 15990-776.

BOLETIM DA AFNB * nºs 52/2015 e 1/2016 – C.P. 6261 – Ag. W3 – 508 Asa Norte – Brasília – DF – 70740-971.

CORREIO DA PAZ * nº 23 * **Rosângela Carvalho** – C.P. 5366 – Ac. Taguatinga – Brasília – DF – 72010-971.

COTIPORÁ CULTURAL * nº 61 * **Adão Wons** – R. Marclício Dias, 253 – Térreo – Cotiporá – RS – 95335-000.

EPISÓDIO CULTURAL * nº 22 * set/2015 * **Carlos Roberto de Souza** – R. das Andorinhas, 398 – Vila Centenária – Machado – MG – 37750-000.

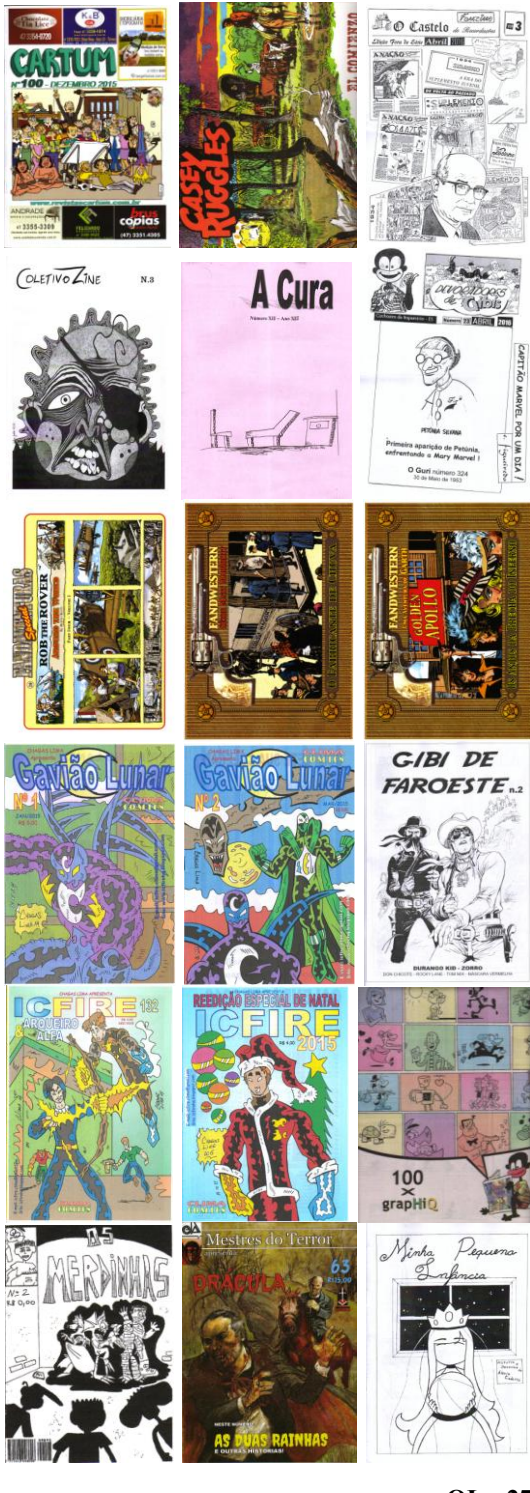
O GARIMPO * nºs 126 e 127 * **Cosme Custódio da Silva** – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.

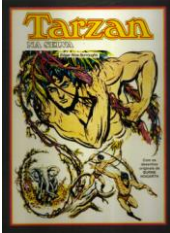
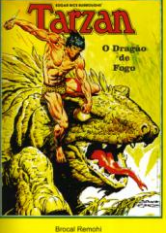
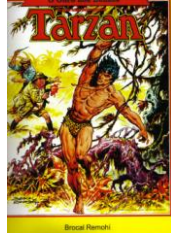
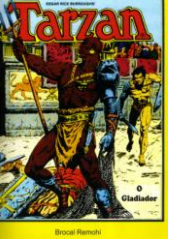
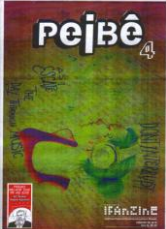
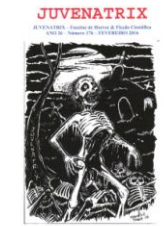
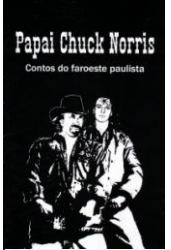
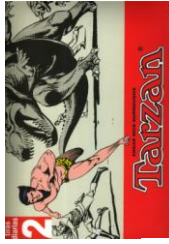
LETRAS SANTIAGUENSES * nº 116 – **Auri Sudati** – C.P. 411 – Santa Maria – RS – 97001-970.

VAMPIROS * nºs 16 a 19 * **R\$ 2,00 ou troca** * **Valdir de Oliveira** – R. Américo Sugaí, 1128 – São Paulo – SP – 08060-380.

VIDA E PAZ * nº 175 * **Mauro Sousa** – R. Manoel Nascimento Júnior, 366, fundos – São Vicente – SP – 11330-220.

GALERIA DE CAPAS





Vampiros
Muito mais do que um filme...
A história dos vampiros é tão antiga quanto a humanidade...
Desde os tempos antigos, a ideia de um ser que vive da vida dos outros...
foi sempre fascinante...
Os vampiros são seres misteriosos e poderosos...
que têm a capacidade de se regenerar...
e de controlar a mente das pessoas...
Esses seres são encontrados em todas as culturas...
e em todas as épocas...
A história dos vampiros é uma verdadeira jornada...
que nos leva a explorar os mistérios da natureza...
e da mente humana...
Os vampiros são seres que desafiam a lógica...
e que nos fazem refletir sobre a natureza da vida...
e da morte...
Esses seres são uma verdadeira ameaça...
que nos faz sentir a fragilidade da nossa existência...
e a importância de vivermos cada dia ao máximo...
Os vampiros são seres que nos ensinam...
que a vida é curta e que devemos aproveitá-la...
e que devemos lutar por aquilo que acreditamos...
e que devemos ser corajosos...
e que devemos ser verdadeiros heróis...
Os vampiros são seres que nos fazem sentir...
que somos parte de algo maior...
e que somos capazes de grandes feitos...
e que somos capazes de mudar o mundo...
Os vampiros são seres que nos fazem sentir...
que somos capazes de superar qualquer obstáculo...
e que somos capazes de alcançar nossos sonhos...
Os vampiros são seres que nos fazem sentir...
que somos capazes de amar e de ser amados...
e que somos capazes de fazer a diferença...
Os vampiros são seres que nos fazem sentir...
que somos capazes de sermos melhores...
e que somos capazes de sermos verdadeiros seres humanos...
Os vampiros são seres que nos fazem sentir...
que somos capazes de sermos felizes...
e que somos capazes de sermos verdadeiros seres humanos...
Os vampiros são seres que nos fazem sentir...
que somos capazes de sermos melhores...
e que somos capazes de sermos verdadeiros seres humanos...
Os vampiros são seres que nos fazem sentir...
que somos capazes de sermos felizes...
e que somos capazes de sermos verdadeiros seres humanos...



Ilustração de Alex Veronez.

QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Cesar Silva enviou a revista infantil “Fisk Playground”, produzida pelo curso de inglês Fisk; e quatro edições produzidas da Maurício de Sousa: “Turma da Mônica – Coleção Coca-Cola”; “Turma da Mônica – Rodoanel Trecho Sul”, para o Governo de São Paulo; “Turma da Mônica – Passatempos”, para a produtora de maçãs Fischer; “Turma da Mônica – Superendividados”, para a Universidade Metodista de São Paulo. Alex Sampaio enviou a revista em quadrinhos “Escute a Deus e Viva para Sempre” da Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Paulo Joubert Alves enviou o folheto ilustrado “Como Instalar um Suporte Fixo de TV”, da Leroy Merlin; a revista “Exposição” nº 2, de estudos bíblicos, contendo cartum na última página; a revista em quadrinhos “Reforma Ortográfica com a Turma da Mônica”, da Panini; a revista em quadrinhos “Seria Cômico se não fosse Trágico”, de vários sindicatos de Minas Gerais; e o programa ilustrado do Festival do Livro e da Literatura de São Miguel. Valdir Ramos enviou página de HQ sobre Carnaval produzida pela empresa Objetivo Júnior, publicada no jornal “Tribuna Impressa” de Araraquara, em 31/12/2016. Consegui uma edição promocional do livro “Nate Faz a Festa”, da editora Sextante.

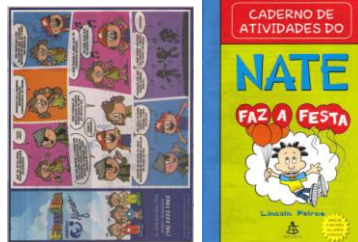


Ilustração de Gerd Bonau, feita para a capa de “cômico” nº 11, publicada em outubro de 1993.



NOTÍCIAS DOS QUADRINHOS

Abelardo Souza enviou cópia da seção 'Notícias dos Quadrinhos' publicada na página 2 da revista "Superboy" (1ª série) nº 3, de julho de 1966, edição da Ebal, matéria que, por sua vez, foi publicada no nº 3 do fanzine "Ficção", de Edson Rontani, em fevereiro de 1966. Rontani, por sua vez, menciona apenas que se trata de notícia distribuída pela agência UPI.

Recebemos mais um número do Boletim do Intercâmbio Ciência-Ficção "Alex Raymond", editado por Edson Rontani, em Piracicaba (SP), do qual extraímos, com a devida vênia, alguns trechos interessantes transcritos de um artigo da United Press International.

COLEÇÃO QUE VALE CR\$ 80 MILHÕES

Dennis P. Leavy

Bill Placzek, garoto de 15 anos de idade, é um dos mais destacados colecionadores dos Estados Unidos, reconhecido mesmo por um professor universitário norte-americano como dono de uma das coleções mais destacadas. O próprio menino calcula que sua coleção vale 40 mil dólares, que correspondem a cerca de 80 milhões de cruzeiros. Mas o garoto não para e diz que a sua coleção só estará completa quando conseguir um exemplar perfeito da revista "Batman" nº 1 (EE.UU), cuja edição data de 1939.

Bill é aluno do primeiro ano de uma escola secundária, mas no grupo fechado e sempre em expansão dos adeptos das histórias em quadrinhos é considerado um supercoleccionador. Possui mais livros de historietas do que qualquer outra pessoa: 27 mil.

Modestamente o jovem reconhece temer um rival de categoria, assim como o Batman temeria o Super-Homem. É ele Billy Joe White, um bombeiro de Columbia (Missouri), de 35 anos de idade. Este guarda dez mil revistas de histórias em quadrinhos em um depósito construído nos fundos de sua casa.

Sobre o rival, afirma Bill Placzek: "Apesar de eu possuir a mais vasta coleção de histórias em quadrinhos, Billy é dono da que vale mais."

O DECANO

O precursor de Bill, de Billy e de todos os colecionadores de historietas é Jerry Bails, professor de Ciências Naturais da Universidade de Wayne (Detroit) e fundador do Clube de Aficionados e Colecionadores de Livros de Historietas. O prof. Bails afirma que o clube conta com 2 mil associados, porém Bill Placzek e Billy Joe "são os máximos".

Bill iniciou a coleção com a verba de 6 dólares semanais. Hoje calcula que seis exemplares de sua coleção valem 1.000 dólares (cerca de 2 milhões de cruzeiros). O pai de Bill ajuda-o. Em sua casa, por exemplo, construiu nos altos uma biblioteca para que o filho possa guardar os volumes. Também a mãe é uma eficiente auxiliar.

Vários dos exemplares publicados em 1934, lançando figuras que se iriam tornar conhecidas em todo o mundo, fazem parte da coleção de Bill. Na biblioteca estão os livros que apresentaram o Super-Homem, os que contêm as primeiras aventuras de Mutt&Jeff, de Buck Rogers, do Capitão Marvel e de muitos outros heróis. Estas edições datam de 1934.

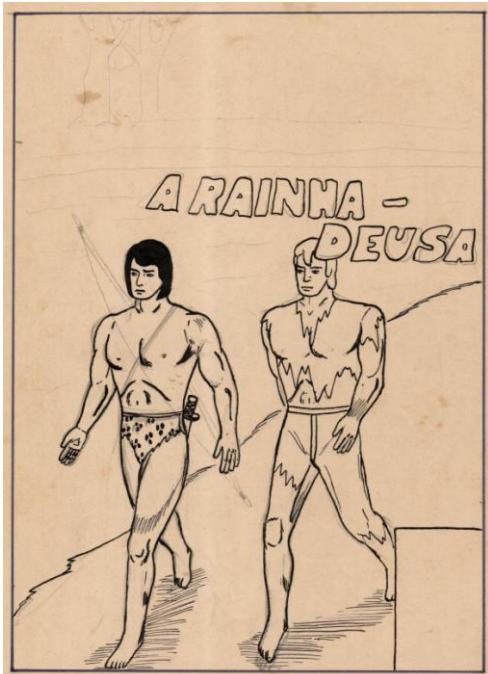
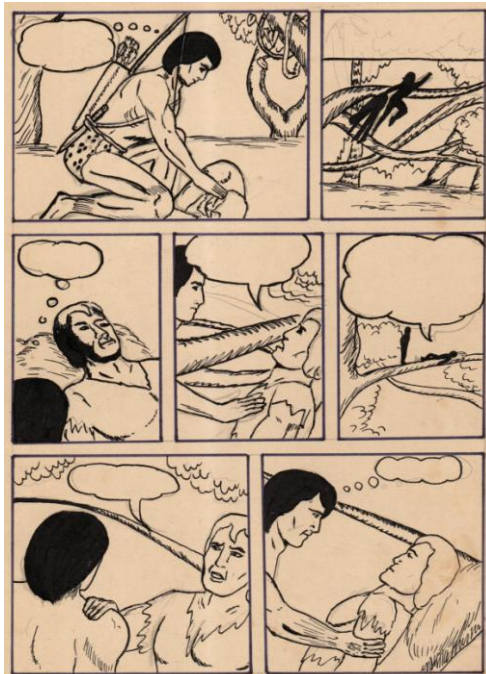
HERÓIS PREFERIDOS

Bill diz que não há grande interesse nas histórias em quadrinhos de Walt Disney, mas que, em troca, os primeiros

exemplares do "Pato Donald" e da revista que publicou o início de carreira do Tio Patinhas têm bom valor e muita procura. Acrescenta que os colecionadores dão preferência aos chamados "super-heróis", dentre os quais se destacam o Super-Homem, Flash Gordon, Capitão Marvel e outros do mesmo estilo.

Acredita o jovem que as historietas da atualidade não sejam de qualidade comparável às de antigamente, o que se pode verificar pelas republicações das velhas, apesar de o trabalho artístico ser bem inferior.





Embora a Ebal tenha começado a publicar a edição colorida de Tarzan em junho de 1969, durante apenas 13 números, só comeci a acompanhar a revista a partir de sua 2ª série, lançada em dezembro de 1972, com o subtítulo *Coleção Lança de Ouro*. Foi essa série que atçou minha vontade de também produzir histórias do herói, como se fosse para publicar na revista. Fiz as 4 páginas acima nesse clima. Notem que os balões são semelhantes aos das revistas da Ebal e a primeira página é menor, pois o expediente da revista deveria ficar em seu rodapé.

Essa foi mais uma HQ que comeci e ficou pelo caminho.

Poeta Vital

NOSSA! MAS ESSE SUPREMO ESTÁ
MANDANDO PRENDER ANTES DA PESSOA
PODER SE DEFENDER!...



MAS FOI A PRÓPRIA ORDEM DOS
ADVOGADOS QUE DISSE ISSO!...



SE PAIRA, A SEU RESPEITO,
ALGUMA DÚVIDA DE SUA LISURA,
PRIMEIRO SERÁ INVESTIGADO,
E, SENDO INTERROGADO,
PODE ESCLARECER AO DELEGADO,
QUE NÃO HÁ ALMA MAIS PURA
DO QUE A QUE TRAZ EM SEU PEITO.

